REFERENCIAL

BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO 25 DE ABRIL

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

N.º 26 / JANEIRO A MARÇO 92 / ANO 8

EDITORIAL

UM ACTO DE JUSTIÇA

Vislumbram-se novos tempos para A25A.

Ao longo da sua existência, o Referencial, como orgão oficial que é da Associação, veio progressivamente endurecendo as suas tomadas de posição, não silenciando críticas às arbitrariadades, em actos e omissões, com que os vários "poderes" têm procurado atingi-la.Sucederam-se as denúncias e os protestos contra o tratamento discriminatório, a usurpação das instalações do Forte do Bom-Sucesso onde funcionava a sua sede, a manifesta carência de vontade política na busca de uma alternativa, o alheamento pelas suas iniciativas, a interpretação, intencionalmente viciada, do seu posicionamento na sociedade portuguesa.

O problema de fundo, centrado na falta de instalação amplas, dignas e económicamente compatíveis, tendia a afectar a própria sobrevivência da A25A. Apesar das repetidas diligências da Direcção, as ambíguas promessas das várias instâncias do poder central, autárquico e militar, ameaçavam perpetuá-lo.

Até que surgiu alguém com coragem política para o enfrentar, vencer complexos paralizantes e apresentar soluções.

O ministro da Presidência, Dr. Fernando Nogueira, através da Secretaria de Estado da Cultura, deu o passo que tantos outros não puderam, ou não quiseram ensaiar. E ele próprio, ao fazê-lo, não deixou de reconhecer que praticava um

(Continua na pág. 32)

SUMÁRIO

Editorial	1
Recordar a Nossa História	3
Testemunhos	5
Ler, Ver e Ouvir	7
Opinião	8
Documentos do Nosso Tempo	10
Mosaico	14
Sementes de Abril	18
Vida Associativa	22
Está Dito	25
Da Direcção	26
Das Delegações e Núcleos	27
Desporto e Recreio	31

FICHA TÉCNICA

PROPRIEDADE:
Associação 25 de Abril
Rua Luís de Camões, 47
2795 Linda-a-Velha

DIRECÇÃO:
Pedro Pezarat Correia

IMPRESSÃO:
Tip.-Escola ADFA
Rua Artilharia Um
Telef. 65 35 93
1000 LISBOA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

TIRAGEM:
4000 exemplares

ENDEREÇOS:
Associação 25 de Abril
Rua Luís de Camões, 47 • Tel. 4198105 • Fax 4198130
2795 Linda-a-Velha
DELEGAÇÃO
Apartado 678
4012 PORTO
DELEGAÇÃO DO CENTRO
Apartado 3041
3000 COIMBRA
NÚCLEO DO ALENTEJO
Rua Bernardo Santareno, nº 2
Bairro das Nogueiras
7000 ÉVORA
NÚCLEO DO ALGARVE
Rua Francisco Gomes, 18
8000 FARO
NÚCLEO DE CASTELO BRANCO
Bairro Buenos Aires, 47
6000 Castelo Branco

Depósito Legal N.º 32998/89

ALMOÇO CONVÍVIO

DIA 25 DE ABRIL DE 1992, ÀS 12H30.
PAVILHÃO CARLOS LOPES

ESTE ANO, O ALMOÇO-CONVÍVIO DE SÓCIOS, APOIANTES E AMIGOS DA A25A, TEM LUGAR NO PRÓPRIO DIA DA LIBERDADE.

COMPARECE

E TRAZ OUTRO AMIGO TAMBÉM.

LEIA
E DIVULGUE
O NOSSO JORNAL

MARECHAL COSTA GOMES

OFERTA DO BASTÃO

Aproveitando a concentração, que será certamente significativa, dos sócios e apoiantes da A25A, no almoço-convívio do Pavilhão Carlos Lopes, a A25A procederá à oferta do Bastão ao Sr. Marechal Costa Gomes. É a justa homenagem e porventura, por ironia do destino, na data e lugar próprios, a um homem que desde a primeira hora apoiou o Movimento das Forças Armadas, e que, enquanto Presidente da República, nos períodos mais conturbados do pós-25 de Abril, conseguiu manter uma postura que, com equilíbrio, pôde evitar a guerra civil que chegou a parecer iminente, e muito contribuiu para que a democracia fosse formalizada, com a livre eleição da Assembleia Constituinte e dos consequentes orgãos de soberania, terminou o seu mandato com a solene transferência da sua magistratura para o seu sucessor, primeiro presidente eleito pelo povo português depois de 1926.

INFANTE D. HENRIQUE

EM 4 DE MARÇO DE 1394 NASCEU NA CIDADE DO PORTO, O INFANTE D.HENRIQUE, O NAVEGADOR

O mais célebre representante da "Ínclita Geração".

Menos intelectual que os seus irmãos mais velhos – D.Duarte e D.Pedro – nele predominava, como em seu pai, o gosto pela vida activa.

No preâmbulo do seu testamento revela o clima espiritual que o impeliu à epopeia dos descobrimentos.

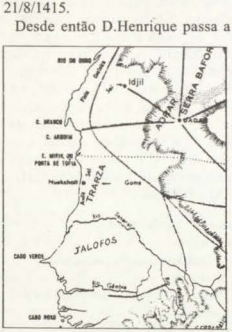
A sua aguda inteligência tê-lo-ia levado a prever em que sentido se processaria a evolução da náutica necessária à realização da empresa dos Descobrimentos, pelo que veio a instituir na Universidade de Lisboa, de que era protector, a cadeira de Matemática ou de Astronomia. Gago Coutinho chegou a admitir que no tempo do Infante se praticara a navegação de alturas.

Adolescente, ainda, aspirava como os irmãos, às honras de Cavalaria.

É assim que surge ligado à ideia da conquista de Ceuta e desde 1412 fora encarregado de organizar no Porto a frota que devia recolher a gente das comarcas do Norte, enquanto D.Pedro tratava em Lisboa da parte relativa ao Sul do País.

Este feito concretiza-se em 21/8/1415.

Desde então D.Henrique passa a



ter, em Lagos, uma armada preparada para a defesa de Ceuta.

Entretanto organiza e impulsiona a empresa dos descobrimentos. Factos mais importantes:

1419 - João Gonçalves Zarco e Tristão Vaz Teixeira descobrem a Ilha do Porto Santo.

1424 - Aqueles e Bartolomeu Perestrelo descobrem a Madeira. Esta torna-se uma maravilha de riqueza nacional, exportando para todo o Mundo da época.

1428 - O seu irmão D.Pedro regressa da sua viagem "às sete partidas do Mundo", fazendo relatos interessantes e trazendo o livro de Marco Polo, onde é referido Prestes João das Índias.

1431 - Gonçalo Velho Cabral descobre S.Maria no Arquipélago dos Açores.

1432

1433 - Gil Eanes dobra o Cabo Bojador e traz uma amostra de terra e a planta das rosas de Santa Maria.

1434 - Novas expedições para além

1436 do Bojador. (angras dos ruivos e dos cavalos)

Em Outubro de 1437 foi o desastre da expedição a Tânger onde fica prisioneiro seu irmão D.Fernando. O Infante D.Henrique fica 5 meses em Ceuta, mas em vão.

Em 1439 a questão da regência complicara-se (D.Duarte morrera em 1438), pelo que D.Henrique instalou-se em Viseu de onde melhor poderia intervir para desfazer a conjura contra seu irmão D.Pedro.

1441 - Novas expedições para além da Pedra da Galé. Trazem peles, azeite e os primeiros seres humanos.

1442 - Antão Gonçalves leva de volta Adahur e dois moços nobres e procura obter notícias da Índia e da terra do Preste João. Nessa viagem seguia o alemão Baltazar (armado cavaleiro em Ceuta) e que queria apanhar uma grande tormenta para poder falar disso na sua terra, facto que ocorreu logo no início, maravilhando-o.

1443 - Nuno Tristão chega além do Cabo Branco, ao Arquipélago de Argüim, de onde volta com um carregamento de cativos. Alguns louvaram o Infante como um "outro Alexandre". (Zurara).

- o almoxarife Lançarote de Freitas constitui a célebre Companhia de Lagos.

(Continua na página seguinte)

- Gonçalo de Sintra é morto na ilha de Naar (perto de Argüim) ao tentar fazer cativos.
- conhecido o desastre segue outra expedição com Antão Gonçalves e Diogo Afonso, tendo João Fernandes ficado espontâneamente em terra.

1444 - Dinis Dias segue até ao Senegal donde traz quatro negros e atinge mais adiante Cabo Verde assim chamado pela cor da sua vegetação.

1445 - Antão Gonçalves vai procurar João Fernandes que ficara no Rio do Ouro, trazendo-o bem como um grande carregamento de negros, que provocou grande sensação em Lisboa.
- O Infante D.Henrique censurou ásperamente as incursões e depredações feitas aos "amigos indígenas da Gomeira".

1446 - Uma expedição de Nuno Tristão que chegou 60 léguas além do Rio Geba, terminou em desastre, quando dois bateis carregados com vinte homens subiram o rio e foram atacados pelos indígenas com flechas envenenadas.

1447 - D.Henrique envia 3 expedições de uma caravela cada, mas em vão, já que os mouros e os azengues recusavam "o trauto".
- Uma caravela de Diogo Gil vai à cidade de Meça conseguindo pela diplomacia de João Fernandes, fazer trocas e trazer um leão que D.Henrique mandou depois oferecer a um seu representante na Irlanda, onde "nunca fora visto".

1448 - D.Henrique volta a interessar-se pelas Ilhas Canárias. As suas pretensões são satisfeitas por bula pontifícia de 8/1/1454.

1455 - Cadamosto ruma ao Cabo Branco e a Argüim onde encontra artífices portugueses

O Infante D.Henrique (pormenor do Políptico dito de «S.Vicente», atribuído a Nuno Gonçalves, no Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa)

trabalhando na construção de uma fortaleza. Visitou o Senegal, o reino dos Jalofos, o país do rei Budomel, a quem presenteou, e onde ficou hospedado durante 23 dias.

1456 - São descobertas duas Ilhas do Arquipélago de Cabo Verde (Boavista e Santiago) por Cadamosto, Uso di Mare e uns escudeiros do Infante.
– Nesse ano Diogo Gomes comanda uma expedição de três caravelas, em que vão João Gonçalves Ribeiro e Nuno Fernandes da Baía com o fim de avançarem na Costa da Guiné. Conseguiram converter ao Cristianismo o rei que trucidara Nuno Tristão e os seus companheiros, o feroz Nomimans que mandou pedir ao Infante para o baptizar.

E como fez face às enormes despesas com este grandioso empreendimento?

Vejamos o que nos diz Vitorino Magalhães Godinho:

"A casa senhorial do Infante D.Henrique constituiu entre 1433 e 1460 talvez a mais poderosa força económico-social do reino. Compunha-se de: a) Mestrado da Ordem de Cristo; b) Ducado de Viseu; c) Senhorio da Covilhã; d) Isenção do quinto das prêsas devido à coroa; e) Cabo de Trastalmenar; f) Vila de Gouveia; g) Senhorio de Lagos e Alvor; h) Berlengas e Baleal, junto da Atouguia; i) Exclusivo da pesca do atum nas costas do Algarve; j) Monopólio do fabrico e da venda do sabão; k) Porto Santo, Madeira e Deserta; l) Monopólio do Comércio com a costa Africana do Cabo Cantim ao Bojador ou ao quinto do que com a sua autorização outros realizarem; m) Idem relativo ao Sul do Bojador; n) Açores; o) Santiago; p) A dízima nova das pescarias do mar de Montegordo; e outras, tais como, as rendas das boticas da feira de Tomar".

Em 1457 ninguém foi à Guiné, porque o rei Afonso V decidiu atacar Alcácer-Ceguer.
- Assim, em 17/10/1458, saiem de Lagos 280 navios de 25.000 homens de peleja.
- Foi uma campanha rápida, de 21 a 29, em que o Infante D.Henrique, apesar dos seus 64 anos, evidenciou uma energia indomável: era a desforra do desastre de Tânger e um alento para a cristandade ameaçada pela queda de Constantinopla em 1453.
- Em finais de 1458 aparelha a sua última expedição à Guiné, uma expedição religiosa e civilizadora - a pedido do rei Nomimans.
- O guerreiro - negociante, acabara como de resto sempre fora - cristão civilizador.
- Não há notícia de ter saído mais do Algarve. Algumas cartas suas datadas de 1459 e 1460 referem "a minha vila" e "a minha vila de Terçanabal". Em 13 de Novembro de 1460 morre na "sua vila", no actual cabo ou ponta de Sagres, o Infante D.Henrique paradigma de método e tenacidade, aquele, que para muitos, foi o português que mais projectou o nome de PORTUGAL no Mundo.

Texto de Barbosa Pereira

Bibliografia:

- Grande Enciclopédia Portuguesa-Brasileira
- Verbo Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura

SANGUE PORTUGUÊS NA REVOLUÇÃO NAPOLITANA DE 1799: ELEONORA DE FONSECA PIMENTEL

Eleonora de Fonseca Pimentel nasceu em Roma, em 1752, mas os seus progenitores eram ambos portugueses. Mudando-se a família para Nápoles, Eleonora bem cedo revelou dotes de extraordinária erudição, escrevendo poemas tanto em italiano como em latim e desenvolvendo aprofundados estudos de âmbito científico, jurídico e económico. Exerceu forte impressão na *intelligentsia* italiana do seu tempo, mantendo, por exemplo, uma cerrada correspondência com o famoso Metastásico. Em 1777 redigiu e publicou, em língua italiana, uma composição dramática dedicada ao Marquês de Pombal, **Il Trionfo della Virtú**, como manifestação de júbilo pelo facto de este ter escapado incólume do atentado que contra ele perpetrara o genovês Pele.

Embebida de cultura iluminista, como se pode notar já pela leitura da Dedicatória ao Marquês que serve também de prefácio a **Il Trionfo della Virtú,** dedica aos recém-tornados soberanos de Nápoles poemas em que sobressai a sua esperança, então partilhada com muitos outros intelectuais progressistas, de que o regresso dos Bourbons a esta cidade equivalesse a um significativo salto em frente na prossecução das cada vez mais urgentes reformas sociais. As esperanças eram desproporcionadas, mas não de todo infundadas: os monarcas estabelecem, por exemplo, a Colónia de S. Leucio, que Dumas considera "um modelo socialista em pleno séc. XVIII", "uma experiência que antecipou as de Owen e de Fourier"[1]. Há nesta avaliação um certo exagero, claro: Benedetto Croce reduz a experiência de S. Leucio a um "capricho de monarca, que me faz lembrar aquela 'ménagerie d'hommes heureux' que o marquês d'Argenson tinha, certa vez, pensado em fundar"[2] – mas é indiscutível que iniciativas como esta imprimiram um novo alento às tenções dos republicanos (e cripto-republicanos, como de momento Eleonora o era) partenopeus.

Aliada à difusão exaltante das notícias concernentes à Revolução Francesa, a nítida inflexão de marcha da parte dos soberanos, que abandonam o programa de reformas, reforçam os laços com a Santa Sé e se empenham na criação de uma rede policial fortemente repressiva, produz um cada vez mais vivo descontentamento geral e leva os progressistas – entre os quais, Eleonora – a radicalizarem as suas posições, abandonando toda a esperança na providência real e abraçando definitivamente o jacobinismo. É justamente a suspeita de jacobinismo que leva à prisão, em Outubro de 1798 – mas rápidamente recupera a liberdade, em Janeiro de 1799, com a ocupação francesa da cidade. Quanto ao rei, Fernando de seu nome, tinha fugido para a Sicília há já quase um mês.

A 22 de Janeiro de 1799 é proclamada no castelo de Sant' Elmo a República Napolitana: perante a multidão reunida no pátio, Eleonora declama um "Hino à Liberdade" de sua lavra, repetindo todos em coro aquelas estrofes eivadas de um furibundo ódio à monarquia. Eleonora torna-se, assim, o arauto da "Nova Ordem": começa logo a trabalhar na redacção do "Monitore napoletano", jornal revolucionário que sai pela primeira vez a 2 de Fevereiro, tudo levando a crer que a ela própria, e a ela só, se deva a totalidade dos artigos que constituem cada um dos trinta e cinco números que o jornal publicou.

Nas suas páginas Eleonora abordava, além das mais candentes questões nacionais e internacionais, problemas de natureza cultural tais como o da necessidade, instante para a jornalista, de expandir o ideário revolucionário entre as camadas mais desfavorecidas através de publicações várias redigidas em dialecto. Na verdade tais propostas estavam objectivamente condenadas ao insucesso, e o povo, mal informado e irritado constantemente pelos abusos dos franceses, cada vez se afastava mais das "vanguardas revolucionárias".

Guiada por elevados padrões morais, em muito devedores de uma idealização dos costumes da antiga Roma republicana, Eleonora manteve o seu jornal a leste de sátiras violentas, de blasfémias e de imprecações – excepto quando se referia à família real ou seus satélites. Aí, sim, chegava à injúria. Maria Carolina, a rainha refugiada em Palermo, era assídua leitora do "Monitore", onde era alvo de mimosos epítetos como o de "amazónica mulher" do "imbecil Fernando" – e preparava a vingança.

A hora desta aproximava-se: MacDonald abandona os napolitanos à sua sorte, o cardeal Ruffo esta já às portas da cidade. Eleonora parece não se aperceber da gravidade da situação, e continua a publicar relatos de vitórias dos resistentes que apenas existem na sua desesperada fantasia. O último número conhecido do "Monitore" data de 8 de Junho de 1799. Cinco dias depois, os partidários dos Bourbon faziam a sua entrada triunfal em Nápoles.

A 20 de Agosto, Eleonora sobe ao patíbulo. São oito os condenados do dia: Eleonora será a última a ser enforcada, e é ela também, indubitavelmente, a mais ferozmente insultada pela turba enraivecida que os rodeia. Despede-se da vida, e dá ânimo aos companheiros, com as mesmas palavras com que Eneias procurara encorajar os seus (**Eneida**, I, 203): "Talvez que um dia, recordando estas coisas, sorriamos"...

Forte coração, o desta mulher. A nós, que pouco temos que ver com Nápoles e que, de qualquer modo, nos encontramos à distância de dois séculos, o caso não desperta ainda nenhuma vontade de sorrir.

Arlindo José Castanho
(Sócio residente em Veneza)

1 B. Croce "La rivoluzione napoletana" del 1799, p. 14 (A tradução destes passos, assim como de todos os restantes, é de minha responsabilidade).

2 B. Croce, op. cit., pag. 15

Bibliografia

Enciclopédia Italiana, v. Fonseca Pimentel, Eleonora de

Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, v. Pimentel Leonor da Fonseca

Indro Montanelli, **L'Italia qiacobina e carbonara**, Milano, Rizzolo, 1976, 22ª ed.

Benedetto Croce, **La rivoluzione napoletana del 1799**, Bari, 1926

Eleonora de Fonseca Pimentel, **Il Trionfo della Virtú**, Napoli, 1799

A MÁQUINA DE ESCREVER

Inesperadamente a máquina de escrever encravou-se. Mal começara o relatório e pronto! Logo esta arrelia! E agora, como resolver ali o berbicacho?

Alugara aquele quarto havia apenas dois meses. A D. Carolina era muito simpática, tratava-o com delicadeza, mas seria conveniente recorrer a ela numa situação como esta, que exigia absoluta descrição ?

Até à data, as únicas visitas que ela recebera eram inofensivas – uma sobrinha-neta e uma amiga – além de um que outro fornecedor ocasional, pois D. Carolina gostava de fazer o périplo das lojas do bairro, trocando cumprimentos e actualizando-se quanto às notícias do dia.

Concluindo – não havia perigo à vista. Rodrigues resolveu então sair do quarto e procurar D. Carolina na saleta onde a idosa senhora habitualmente pespontava umas roupas usadas, sentada perto da janela, relanceando de vez em vez o olhar para a rua, a dar conta de quem passava.

– Desculpe o incómodo, D. Carolina, mas a minha máquina de escrever encravou-se, e como mal conheço as pessoas do bairro, ignoro se haverá alguém por aqui que possa dar um jeito e consiga pô-la a funcionar. Saberá a D. Carolina de alguém capaz disso?

Quedou-se a senhora a reflectir e acabou por dizer:

– Saber não sei, mas espere aqui um bocado que vou sair e volto já.

Posto isso, mudou de sapatos, colocou um xaile sobre os ombros e saíu, deixando Rodrigues aparentemente calmo, num esforço para ocultar a inquietação que de facto o assaltava. De volta ao quarto, inspeccionou-o atentamente, em busca de algo que pudesse tornar-se suspeito a um desconhecido. O resultado tranquilizou-o.

Pelo meio da tarde, umas pancadas suaves na porta denuciaram a presença da D. Carolina. Abrindo, Rodrigues viu-a acompanhada de um homenzinho de aparência insignificante, que segurava uma mala/ferramenta e sussurou um tímido "boa tarde". Rodrigues fitou-o; ficou satisfeito com a inspecção e, diringindo-se à D. Carolina, exclamou:

– Tanta maçada... não sei como agradecer-lhe

– Ora essa, Sr. Rodrigues, sempre que puder ser-lhe útil, é com todo o gosto – e afastou-se discretamente.

Em poucas palavras, Rodrigues expôs ao técnico de máquinas o que lhe acontecera. O Homem olhou demoradamente o engenho que iria reparar. Tratava-se de um modelo "Remington" muito antigo, robusto mas castigado pelo uso e transbordos sucessivos. Abriu seguidamente a mala, um mostruário autêntico, e escolheu uma chave de parafusos com a qual iniciou a tarefa de recuperação da máquina. A reparação foi demorada, o que levou o técnico a justificar-se, explicando:

–Esta máquina está um bocado velha e não se pode dizer que tenha sido sempre bem tratada. Há por aqui uns enxertos feitos por alguém que não é do ofício.

Rodrigues resolveu atalhar:

– Não me admira. Comprei-a em segunda mão, já nem me lembro quando. Só sei que foi muito barata. É natural que não esteja uma maravilha.

Satisfeito ou não com a resposta, o homem não fez mais observações e deu início a umas pinceladas de limpeza nos interstícios da máquina, como fazem os barbeiros no fim dos cortes de cabelo, até que rematou:

– Prontinho. Custou mas foi. Raramente me apareceu um serviço destes. São máquinas muito antigas, mas quando me surgem trato-as com muito cuidado, pois merecem-no. Cumpriram a sua função e até deviam passar à reforma ou ir para um museu.

Foi a vez de Rodrigues alimentar a boa disposição e deixar, também ele, um rasto de simpatia:

– O senhor certamente não se vai embora sem me acompanhar num copito e comer umas lascas deste queijo e uma fatia de pão saloio, que parecem estar aqui à nossa espera – e sem aguardar resposta, Rodrigues encheu dois copos, impressos com florinhas de várias cores. Cortou o queijo e o pão, sem cuidar do gesto de recusa que o outro esboçara.

Levantando o copo, disse:

– À nossa...

– À nossa –, respondeu o parceiro, rendido ao convite.

Tocaram os copos e molharam as goelas.

Para fazer conversa, Rodrigues perguntou:

– Anda nisto há muito tempo ?

– Vai para trinta anos – , e apontando para a máquina – esta ainda lhe vai durar umas temporadas, mas não conte que seja eterna.

Anoitecera. Em pouco os dois homens tinham estabelecido uma corrente de amizade, que o acaso provocara. Despediram-se.

– Alfredo Saraiva, às suas ordens.

– Jerónimo Rodrigues, com todo o prazer, e obrigado pela sua prestimosa colaboração, pois foi duma utilidade que nem imagina.

* * * *

Decorreram aproximadamente dois anos. Saraiva, profissional competente, continuava a solucionar amiudadas vezes problemas urgentes, como a satizfazer contratos temporários de manutenção com empresas comerciais e organismos públicos. Era de rotina que cumpria serenamente, indeferente aos ambientes que o rodeavam.

Nessa conformidade se dirigiu um dia, mais uma vez, à rua António Maria Cardoso, mais própriamente à sede da Polícia Internacional e de Defesa do Estado, a P.I.D.E., como há largos anos sucedia.

Nem por isso o ritual se alterava: apresentação da convocatória na porta principal; espera num gabinete fechado durante um espaço de tempo indeterminado, até surgir um funcionário que o conduziu ao andar e à sala onde se alinhavam sobre uma bancada as máquinas necessitadas de reparação ou limpeza. Práticamente todas lhe eram familiares; porém, um pouco afastada, como se tivesse sido ali colocada recentemente, estava uma velha máquina "Remington", que decididamente não pertencia à corporação.

Aproximou-se dela, levantou a cobertura das teclas e reconheceu uma peça que substituíra a outra partida, por ele colocada com todo o cuidado de que fora capaz, numa certa tarde que a memória gravara. A imagem da máquina fundia-se com a de Rodrigues e com a saúde que haviam trocado – gestos, para ele, inesquecíveis.

Um sentimento indefinido – de solidariedade talvez – emergiu nele; apertou a máquina entre as mãos, tal como no passado fizera a outras mãos ao despedir-se de Rodrigues. O impulso mais não foi do que a expressão abstracta dum desejo de auxílio, que ele sabia impotente, a esse seu ignorado amigo, onde quer nesse momento se encontrasse.

E agarrando a mala/ferramenta que nem chegara a abrir, desceu a escada para o pátio e saíu, decidido a não voltar a empregar a sua arte naquele antro sinistro.

VIRIATO CAMILO

"ULTRAMAR...Pequenas HISTÓRIAS POR CONTAR..."

De José Valentim de Matos Prata

Como repetidamente temos escrito nesta rúbrica, é indispensável que os participantes na guerra colonial relatem as suas experiências dessa guerra, que contem o que viveram, os pequenos e grandes dramas em que participaram, que deixem um testemunho verídico do que foram esses treze anos de conflito.

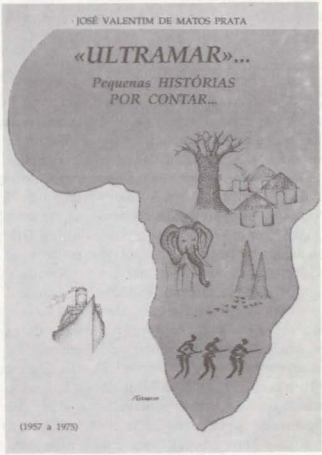
Só assim é possível combater alguns mitos e lendas que ainda por vezes se tenta propangandear, numa tentativa para desculpar e justificar a acção daqueles que no fundo foram os grandes responsáveis pela eclosão da guerra.

É aliás a opinião do autor deste livro que a guerra deveria e poderia ter sido evitada, se os governantes de então o tivessem querido, o que infelizmente não foi o caso.

Não é este um clássico livro de memórias de guerra. Através de 50 pequenas histórias do dia a dia de um militar, que durante dezassete anos cumpriu as suas obrigações militares nas colónias, é todo o drama da guerra colonial que nos é trazido nestas páginas, com os seus pequenos episódios, por vezes dramáticos, por vezes cómicos, mas sempre descritos com sensibilidade e mestria pelo autor.

Fazemos votos para que este exemplo seja seguido por outros participantes na guerra colonial, alguns com vivências por ventura muito mais dramáticas do que as do nosso associado Matos Prata, pois só o seu conhecimento permitirá aos vindouros fazerem uma apreciação desapaixonada do conflito que tanto traumatizou o povo português nas décadas de sessenta e de setenta e que está na origem directa do golpe militar de 25 Abril de 1974.

F.C.



Julião Bernardes

Colecção Ponte - 2

"SOMBRAS DE PESSOA(S)"

De Julião Bernardes

Livro de poesia, da autoria de Julião Bernardes – pseudónimo do sócio fundador da A25A, João J. Leão Repolho – foi apresentado em 21/Fev./92 na Universidade Pontifícia de Salamanca, em sessão presidida pelo Vice-Reitor Prof. Dr. Alfonso Ortega Carmona.

Transcrevemos pequenos excertos de opiniões expressas nas abas da capa e contra-capa do livro:

"... Quien asi se expressa está ungido de la gracia de los autênticos poetas y Julião Bernardes es un elegido, cuja obra hay que tenerla muy en cuenta en el actual panorama poético portugues. ..."

Dr. José Ledesme Criado

"... O que fez é uma maravilha – do melhor que já se tem feito na língua. ..."

Agostinho da Silva

"... Coragem deste seu livro a um tempo tributário e livre, donatório e doador, nele reinando a continuação renovada do nosso lirismo reflexão ... tem o poder de nos pôr sonhadores, a sonhar, a ir pelo ritmo e pelo sentido ..."

Joaquim de Montezuma de Carvalho

Qualquer destes livros pode ser adquirido na Sede da A25A ao preço de 1.000$00

BURGUESIA PORTUGUESA FEROZ

O desenfreamento político-económico de Portugal depois de 1975 abre pouco a pouco os olhos a muitos, que se desencantaram das esperanças que nuncam chegaram a ver. Tudo se passa como se nos tempos passados, ninguém tivesse previsto o grande erro que foi para o povo português e a Democracia, o desvio da Revolução dos cravos vermelhos de 1974, deixando hoje à deriva e livre as vias para um capitalismo selvagem que se perpétua mesmo depois da morte do Salazarismo.

Para conhecermos a realidade do mundo burguês português, basta ler algumas revistas e jornais, aqui em França e em Portugal, para nos apercebermos de vigarices, fundos públicos desviados para fins pessoais, ditadura administrativa, títulos de doutor e nobre comprados, mercados paralelos, mafia, etc.... são alguns factos diários do dia a dia que atrofia um verdadeiro desenvolvimento económico.

Outrora, gaiato, guardo na minha memória, para os lados da outra banda de Lisboa, a visão de uma "seita" que com pudor, organizava luxuosos bacanais, em herdades dignas dos faraós, longe dos olhos pobres e tristes da imensa população laboriosa. Este bando; benfeitores de domingo à saída das igrejas e carrascos à segunda-feira nas fábricas. Assim viviam os "padrinhos" e "protectores" do regime Salazarista.

A miséria, a guerra colonial, a escravidão operária da população eram o destino da juventude. Na minha fuga à guerra e ao fascismo, para terras desconhecidas, a França foi nos meus sonhos a esperança de um viver livre e o refúgio para os soldados da Paz.

Foram necessários muitos anos para recusar o ódio acumulado pelos sofrimentos que trazia da terra-mãe. E na verdade, as alegrias, as descobertas, que comecei a viver fizeram-me transformar pouco a pouco em homem livre.

A vida associativa, a que me dedico desde a minha chegada deu-me novamente a alegria e a felicidade de aprender e conhecer as gentes das províncias de Portugal que desconhecia.

Em pouco tempo, constatei a chegada em bando de novos funcionários, de empresários, de doutores, enfim, gente fina, como se diz, lá para os bairros dos meus lados.

Na minha ingenuidade eterna que crê fácilmente na generosidade, na bondade dos Homens, pensei logo: que com a sabedoria e a qualidade destes novos "imigrantes" a comunidade portuguesa iria beneficiar de uma nova era de emancipação.

As rádios de língua portuguesa floriram, os restaurantes multiplicaram-se, "vernissagens", institutos, empresas de serviços, bancos, etc. foram as primeiras obras destes novos "construtores", formados em estágios rápidos, lá para as bandas da rua Carnot em Paris.

Não satisfeitos com os espaços conquistados, os salões investidos, tornaram-se alquimistas na ambição de transformar as economias dos imigrantes em lucros para as numerosas contas a juros que eles possuem em vários bancos aqui e na Suíça.

Através das rádios comerciais, fundadas e outras usurpadas vergonhosamente, com a benção da diplomacia, destaca-se uma rádio na região de Paris, que é um autêntico ninho parasítico da Cultura Portuguesa, mas permanece a dar diáriamente uma "diafancidade" dos fundos de comércio e das bruxarias locais.

Triste nódoa, para todo aquele que um dia por infelicidade venha a necessitar de um serviço ou uma pequena luz da "quadrilha".

Imagino já daqui, quando a leitura destas frases, chegar até eles, o horror dos palavrões que vão-me pregar. No fundo da minha consciência, pergunto-me que crime a Deus fez o povo português para merecer tanto castigo?

Capazes de fazer boas acções, caçadores de espíritos sãos, a burguesia portuguesa em Paris, assassina e destrói tudo `a sua volta.

Golpistas, corrompidos, eles permanecem fiéis a herança dos valores do 24 de Abril de 1974.

Quanto a nós, trolhas, astutos, desinteressados de poleiros políticos e medalhas vai ser preciso, como diz um grande amigo meu: "lutar, lutar sempre. Mais do que um sonho, uma certeza que persiste e assim resistir ao sono. A alegria é possivel".

Como não tenho nada a vender, nem a pedir, só desejava que sejam desmascarados os novos "santos-benfeitores".

Para tal, contem comigo, como outrora...

João de Deus
(membro da Associação "les amis du 25 Avril, França)

"O SOLDADO E O POVO"

Sob este título era publicada uma obra em 1848 cujo autor dava pelo nome de : S. José Maria do Casal Ribeiro – Conde de Casal Ribeiro. E vinha a público num momento particularmente importante da nossa História, quando os ventos da mudança começavam a enfunar os espíritos de muitos homens de boa vontade ! Numa altura em que as três palavras mágicas da "Revolução Francesa": Liberdade, Igualdade e Fraternidade, soavam como um clarim tocando a reunir no meio de uma parada submersa de iniquidades, qual delas a mais desprestigiante da farda militar.

Salvaguardadas as distâncias temporais e a linguagem incisiva, talvez que por algumas páginas desse livro prespasse uma pontinha das revoltas de muitos militares de épocas diferenciadas, todos eles em busca do respeito por si próprios e à farda envergada.

Quando os militares de Abril, e muito povo, comemoram uma vez mais a sua Revolução, não será de todo descabido dar à palavra soldado o significado mais genérico e reler duas páginas da mensagem que há quase século e meio o conde pretendeu transmitir.

"Soldado ! não és tu filho do povo ? Quem te deu a vida, quem guiou os passos da tua infância, quem alimentou os passos da tua adolescência senão um homem do povo ? Para onde hás-de voltar, quando findar o tempo do teu serviço senão para entre o povo ? Oh! não queiras levar as mãos manchadas com o sangue de teus irmãos, porque então todos se afastariam de ti com horror, e os amigos da tua infância te voltariam as costas, e teu pai e a tua mãe lançariam sobre ti uma maldição terrível.

Soldado ! se queres um dia apontar com glória para as cicatrizes do teu peito não as ganhes em defesa da opressão e da tirania; ganha-as combatendo pela pátria e pela liberdade. E as bençãos dos teus concidadãos acompanharão os últimos dias da tua velhice; e a tua consciência dormirá tranquila e isenta de crime; e os pais te mostrarão a seus filhos como exemplo de valor e patriotismo; e no remanso quieto da tua aldeia natal não virá nunca um remorso punjir o fim da tua existência. Soldado! os que te dizem que o teu único dever é a obediência passiva e ilimitada mentem; porque o crime, seja quem fôr que o ordene é sempre crime; porque a responsabilidade, se pesa mais sobre a cabeça que o concebeu, pesa também sobre o braço que o executou. Se te dizem que a tua única lei é a disciplina mentem; porque nenhuma lei dos homens pode revogar a lei divina da fraternidade escrita por deus no coração dos homens. Mentem-te, soldado, mentem-te os sicários, que levantaram um ídolo a que chamaram honra militar e que o alçaram sobre o altar consagrado à verdade. ímpios!

Soldados! que querem fazer de ti os tiranos ? O carrasco do povo; o verdugo de teus irmãos. Pois basta cobrir a cabeça com um boné agaloado para dizer à inteligência – Não penses ? Basta cobrir o peito com uma farda para dizer ao coração – não sintas ? Não; mil vezes não. Essa libré de ignomínia que te impuseram hás-de trocá-la um dia pelas galas da verdadeira glória; e esse dia hás-de ver o abraço fraternal do povo e do soldado; e esse dia há-de elevar o soldado à categoria de cidadão, restituir-lhe o pensamento e a vontade que traiçoeiros chefes lhe têm roubado; e esse dia há-de ser o dia de emanicipação e de liberdade em que todos venham depôr antigos ódios e jurar para o futuro um amor inabalável".

VAZA PINHEIRO

NÃO HAVERIA TANTOS

Poema de JOSÉ CORREIA TAVARES

Partimos, quem nos valia ?
ai tanta gente embarcada
e a grita que se fazia
outra no cais, tão amada.

Dormiam, quem nos ouvia ?
e era quase madrugada...

Morremos, quem nos carpia ?
nesta, naquela emboscada,
um matava outro morria,
matámos, nunca foi nada.

Dormiam. ninguém sabia,
e era quase de madrugada ...

Pasmámos, quem nos diria ?
da G-3, bem levantada,
era um cravo que saia,
era uma flor encarnada !

E tanta gente que havia,
dessa que sempre dormia,
aos vivas à madrugada...

Lisboa, 30.1.76

(in "Todas Estas Palavras" – Vega, 1989)

BATALHÃO DE CAÇADORES Nº 5

RELATÓRIO DAS OCORRÊNCIAS RELATIVAS AO MOVIMENTO DO «25 DE ABRIL»

Prosseguimos esta secção com a publicação de documentos significativos do 25 de Abril de 1974, nomeadamente dos relatórios operacionais das unidades que tiveram participação activa na acção militar libertadora.

Cabe hoje a vez ao relatório da unidade constituída no Batalhão de Caçadores 5, que foi assinado pelo então major Cardoso Fontão, oficial que assumiu o comando daquelas forças e que, uma vez vitorioso o movimento, ficou a comandar a unidade.

1. DESCRIÇÃO CRONOLÓGICA DOS ACONTECIMENTOS

a. Acções Preliminares

- Após a reunião dos delegados das Unidades do GML de 20/Abril/74, em que foi anunciado o desencadear próximo da acção e uma atribuição prévia de missões efectuaram-se os necessários reconhecimentos pelos 3 elementos do B.C. 5 já aderentes ao Movimento e aceleraram-se os preparativos.
- As missões atribuídas eram:
- Segurança dos Estúdios do R.C.P.
- Isolamento do Quartel da G.N.R. no Carmo.
- Invocando a proximidade do 1º de Maio tomaram-se várias medidas relativas ao estado de prontidão das Companhias Operacionais visando a organização, armamento e municiamento, diminuição do tempo de intervenção, etc.

Entretanto preparou-se detalhadamente o plano de acção para o dia D.

- Cerca das 9.30 horas do dia 24 de Abril, o signatário era contactado pelo Oficial de ligação (Capitão Santa Clara) sendo-lhe fornecidos todos os elementos para a acção a desencadear-se na madrugada de 25 de Abril.
- Uma das Missões previamente atribuídas sofreu alteração deixando o B.C. 5 de intervir na área do Carmo e passando a incubir-lhe a ocupação do Q.G. da RML.

b. Preparativos Finais

- Dado conhecimento aos Capitães Camilo e Beatriz dos documentos operacionais recebidos.
- Contactado o Oficial Miliciano (Alferes Batista) escolhido para servir de elemento de ligação com os restantes elementos com vista à escolha do núcleo de Oficiais de confiança para enquadramento das Companhias Operacionais e Missões Especiais no Quartel.

A partir das informações colhidas, contactados mais três Oficiais (Alf. Lopes, Frazão, e Asp. Teixeira).

Nestes contactos não se referenciava a data/hora da acção.

- Efectuados preparativos diversos nomeadamente formaturas das Companhias Operacionais para acertos finais.
- De tarde informado o Ten. Mascarenhas (CMDT da 2ª Comp.ª Operacional e considerado elemento de confiança) da data/hora da acção sendo assim o único elemento até aí alheio ao movimento com aquele conhecimento. Marcada uma reunião dos Oficiais julgados de confiança para essa noite.
- Às 22.55 é ouvido o sinal da Rádio Graça préviamente combinado.
- Em 24/2 reunidos os 30 Oficiais que constituíam o núcleo seleccionado e outros Oficiais presentes na Unidade são-lhes por mim comunicados os objectivos do movimento e elementos de interesse para a sua informação. Convidados a aderir fazem-no sem hesitação e na sua totalidade. São mandados equipar e armar.
- A partir das 23.30 horas tomam-se as primeiras medidas nomeadamente o contacto da Central Telefónica por um Oficial e o dos Portões e Segurança por outro Oficial.
- Às 00.15 horas são reunidos todos os Sargentos e Cabos Milicianos presentes na Unidade. Informados de forma idêntica à da reunião de Oficiais aderem também sem excepção e são encaminhados para se juntarem aos oficiais das respectivas Companhias.
- É ouvido na Rádio Renascença o 2.º sinal que tem efeitos psicológicos muito favoráveis em todo o pessoal.
- Às 01.45 os graduados acordam e mandam formar as Praças da forma mais discreta possível com vista a evitar o alerta das forças da G.N.R. na Penitenciária.

c. Desenrolar da Acção.

- Às 03.00 h. as 2 Companhias Operacionais iniciam a marcha apeada e saem pelo Portão do Marquês da Fronteira, dirigindo-se aos respectivos objectivos.
- À mesma hora e com efectivos da Formação e Companhia de Instrução o Capitão Camilo encarregado da defesa do Quartel, reforça a Segurança já montada e faz sair ou prepara os Destacamentos destinados a garantir no exterior a Segurança do aquartelamento e que são:
- Destacamento de isolamento da Penitenciária.
- Destacamento do Alto do Parque Eduardo VII.
- Destacamento das encostas da Praça de Espanha e de Campolide.
- Às 03.30 horas são abordados os objectivos. A 1.ª C.ª Operacional sob o Comando do Capitão Beatriz inicia o cerco e instalação em redor do Q.G./ R.M.L. e a 2.ª C.ª Operacional sob o Comando do Tenente Mascarenhas isola e assegura a protecção da área dos estúdios do R.C.P. Em ambas as áreas são barricados os acessos com viaturas particulares. Desloco-me inicialmente com a 2.ª C.ª Operacional.
- Estabeleço contacto com os elementos das F.A. que à mesma hora fazem a sua

entrada nos estúdios do R.C.P. sendo-me comunicado que tudo decorre segundo as previsões. Desloco-me seguidamente para junto da 1.ª C.ª Operacional cerca das 0.30 horas.

- Pouco depois das 03.30 h. procede-se à parlamentação com os defensores do Q.G./R.M.L. iniciada pelos Aspirantes Sajara e Teixeira e concluída pelo Capitão Beatriz.

- Cerca das 04.00 h. uma força de pelotão marcha para garantir a segurança da residência do nosso General Spínola.

- Cerca das 04.30 h. sem que o CMDT da defesa do Quartel-General tomasse qualquer decisão mas verificada a renúncia por parte das praças (pelo menos da sua maioria) a uma defesa armada a 1.ª C.ª Op. força os portões do Quartel e faz a sua ocupação.

- Cerca das 06.50/07.00 h. uma força da P.M. contacta o perímetro da Defesa. Retira em direcção à Praça de Espanha após diálogo do seu Comandante (Ten. Revasos) com o Capitão Beatriz.

- Cerca das 07.30/08.00 h. é interceptado pela 2.ª C.ª Op. o Ten.-Coronel Vinhas CMDT interino do B.C. 5 que mais tarde recolherá à Pontinha.

- Cerca das 09.00 h. é por mim interceptado frente ao Q.G./R.M.L. o Brigadeiro Serrano que pretendia contactar o General CMDT e recolhe ao B.C. 5 depois de consultado o P.C. por mim.

- Cerca das 11.00 h. são interceptados no Q.M.P. o General Louro de Sousa e Brigadeiro Jaime Silvério Marques que recolhem ao B.C. 5 depois de consulta ao P.C.

2. ACTUAÇÃO DOS COMANDANTES

- Coronel Firmelindo Coutinho David

Encontrava-se de licença na sua residência em Lisboa à data do Movimento. Não foi contactado mas não se considerava propriamente opositor decidido embora não se contasse também com a sua adesão prévia.

Na tarde de 25 de Abril a seu pedido contactei-o telefonicamente. Pretendia vir ao Quartel buscar o seu carro particular que aqui se encontrava. Informei-o da situação particular do B.C. 5 e geral - tanto quanto era conhecida - e do prazer com que víamos a sua adesão. Respondeu que iria pensar pois se tratava de assunto muito grave.

A sua apresentação verificou-se a 27 de Abril pelo que consultei o P.C. que me ordenou a sua detenção posteriormente transformada em apresentação à ordem do Q.G./R.M.L. Trata-se de um Oficial com grande simpatia entre os Oficiais, Sargentos e Praças que viam com bons olhos a sua continuação no Comando da Unidade, apesar da passividade demonstrada, julgada mais consequência da sua natureza pacífica do que dum assumir de posição. Este facto foi comunicado ao General Comandante de R.M.L.

- Tenente-Coronel António Charão Vinhas. Não foi contactado préviamente por ter assumido uma posição activa (na aparência pelo menos) de oposição ao Movimento das Caldas e porque abordado em conversas de âmbito geral denunciava pouca apetência para aceitar transformações políticas.

Na manhã de 25 de Abril foi interceptado por elementos do Batalhão junto das instalações do R.C.P. onde recolheu manifestando vontade de falar comigo. Desloquei-me ali informando-o da situação que na altura já se anunciava favorável e de que teria o maior prazer em lhe entregar o Comando caso aderisse e depois de obter para isso autorização do P.C. Não respondeu e tendo assuntos a tratar retirei-me depois de o aconselhar a reflectir no sentido de me comunicar a aderência quando ali voltasse. Com intervalos voltei à sua presença duas vezes sem que ele se pronunciasse.

Recebida ordem para o deslocar sob prisão para o P.C. mandei proceder dessa forma.

3. COMPORTAMENTO E ACTIVIDADE DOS QUADROS

Acima de tudo há que destacar a actuação dos 2 Capitães do Q.P. - Capitães Bicho Beatriz e Lopes Camilo - elementos que à data da minha chegada ao Batalhão já se encontravam ligados à actividade do Movimento, desde os seus primórdios aliás e com um 3.º elemento - Capitão Ribeiro da Silva - transferido após a ocorrência das Caldas, para a Madeira.

Aqueles 2 Capitães não só tomaram parte muito activa na fase inicial do Movimento como nos seus preparativos finais e ainda conduziram a acção na parte respectiva de forma muito decidida. Foram efectivamente os motores que permitiram ao B.C. 5 sair com prontidão e eficácia.

Pelas sondagens efectuadas admitia-se a aderência fácil da maioria ou quase totalidade dos Oficiais Milicianos. Por razões de Segurança, só se iniciaram alguns contactos mais directos no próprio dia 24 e mesmo assim sem indicação concreta da data/hora H, com excepção do Ten. Mascarenhas, CMDT duma C.ª Op., considerado de muita confiança, o que ficou informado na tarde desse dia. Na reunião efectuada todavia a aderência de todos os presentes foi total e sem restrições. Saíram para a rua com entusiasmo e determinação.

Embora se contasse com a adesão de muitos Sargentos e se considerasse a posição dos Cabos Mil. semelhante à dos Oficiais do Q.C. supunha-se que ela seria menos fácil. A verdade é que apesar do elevado número de elementos reunidos a reacção foi afinal de unanimidade total na adesão e depois da exposição que lhes efectuei, apenas foram necessários alguns esclarecimentos para que contássemos da sua parte com o mesmo entusiasmo e determinação dos Oficiais.

4. POPULAÇÕES LOCAIS

Dificilmente haverá palavras para exprimir a amplitude e força de adesão popular ao Movimento das Forças Armadas. As atitudes de simpatia, aplauso

e cooperação foram constantes quase desde as primeiras horas e manifestaram-se em sorrisos, em aplausos, incitamentos, ofertas de toda a natureza, etc. Julgo desnecessário referir tudo quanto é do conhecimento geral e basta dizer que as Forças que este Batalhão manteve ou deslocou para o exterior, foram alimentadas e obsequiadas de tal forma que, raramente, os seus elementos vinham receber rancho à viatura que o transportava às posições.

5. ACTUAÇÃO DAS FORÇAS E INDIVIDUALIDADES GOVERNAMENTAIS

- Após a saída das Forças do Quartel, o Comandante da Guarda da Penitenciária (GNR) contactou o CMDT da Força postada frente às saídas, e posteriormente contactou-me a mim, para declarar que a sua única missão era guardar presos.

- A guarnição do QG/G.M.L. reagiu formando o piquete e ocupando posições quando as Nossas Forças já se encontravam a instalar a toda a volta nos acessos e posições escolhidas.

Foram enviados elementos a parlamentar e o próprio CMDT da Força (Capitão Baetriz) de deslocou à frente para tentar convencer o Comandante da defesa (Asp. Silva, Oficial-de-Dia) a permitir a entrada sem ser pela força. Tal não foi conseguido nem mesmo chegar-se à fala com o referido Aspirante. O diálogo travado com os defensores acabou por resultar por terem as Praças abandonado as posições e recolhido as armas. As Nossas Forças forçaram os portões, não depararam com qualquer resistência e o referido Asp. Silva foi encontrado junto do telefone aparentemente em estado de pânico. O outro Aspirante presente no Quartel (Cunha) tinha entretanto retirado os galões para não serem reconhecidos como tal.

- Entre as 6,30 e 7 horas abordou o perímetro defensivo em redor do QG/RML uma força da P.M. comandada pelo Ten. Revasco. Este Oficial deslocou-se aos portões do QG para contactar o Capitão Beatriz. Não sabia a contra-senha mas declarou pertencer ao Movimento constando efectivamente da lista de entidades. Embora comandasse uma força que tinha sido mandada ocupar a R.M.L. para assegurar a entrada do General Comandante, Informou o Capitão Beatriz que se ia retirar para a Praça de Espanha e informar que não podia cumprir a missão.

- Após a saída das Forças tentaram contactar telefónicamente a unidade:

Coronel Duque(CEM/RML); Brigadeiro Joaquim dos Reis; Ten-Cor. Vinhas (CMTD Int. do BC 5); Coronel Coutinho David (CMTD BC 5)

Todas as chamadas foram desligadas com excepção de uma efectuada pelo Cor. Duque que tentou informar-se da situação e dialogar com o Cap. Camilo.

Sabe-se que o Coronel Duque manteve ligação com o Oficial-de-dia ao QG incitando-o à defesa e julga-se que entre outras medidas, alertou o CMTD e CMTD Int.

- Ao longo do dia 25 foram interceptados cerca de 120 elementos da P.S.P., alguns da G.D.S. e L.P. Nenhum deles ofereceu resistência quando da sua detenção e desarmamento.

Apenas um (Comandante de Lança da L.P. Canavarro) denunciou mentalização muito pronunciada.

O COMANDANTE INTERINO
José Cardoso Fontão
Major de Infª

FITA DO TEMPO (24/25), DO B.CAÇ. 5

9.30 h. - Recepção

10.00 h. - Reuniões com os Capitães; Remodelação dos Planos; Preparação de acção e seus premiliares; Escolha de Cmdt da 2ª Companhia.

10.30 h. - Início dos contactos com os Oficiais Milicianos escolhidos e a escolher (abordagem e preparação prévia)

14.00 h. - Formatura das Companhias Operacionais a pretexto de proximidade 1º de Maio; Marcação de um reunião de Oficiais para as 23 h . (elementos contactados e conhecimento da finalidade)

17.00 h. - Medidas de recepção. Saídas normais, etc

22.55 h. - Audição dos Emissores Associados. Comunicação: Faltam 5 min. para as 23 h. e disco "depois do Adeus" do P. Carvalho.

23.00 h. - Sala dos Oficiais; Reuniões dos Oficiais convocados e outros presentes na Unidade para informa-los. Breve a detenção de não aderente. Preparação e ordem.

00,00 h. - Início da audição de R. Renascença. Aguardar o "Grândola"

01,00 h. - Oficial e Guarda para a Central Telefónica (Alf. FRAZÃO); Fechar portões, eliminar central; Guardar outros telefones gabinetes; Substituição Oficial-de-Dia pelo Alf. BATISTA com missões definidas; Ouvir R.C.P.

01,30 h. - Convocação Sargentos (de dia e de na Unidade). Informá-los. Breves detenções; Vigilância proximidades quartéis.

01,45 h. - Formar Companhias. Levantar o pessoal das camas sem luzes e sem barulho; Formatura desconfiada da Polícia Aérea; Armas e munições; Rádios, Maqueiros, etc.

02,00 h. - Vigilância da Penitenciária

02,30 h. - Reforço do Portão M. Fronteira.

02,50 h. - Início de marcha apeada das 1º e 2ª Companhias Operacionais; Concentração de viaturas para apoio de acção; Reforço da segurança do quartel; Destacamentos para o exterior

03,00 h. - Redes Rádios no ar.

03,05 h. - Saída para os objectivos; Convocação do pessoal no exterior; Reforço das forças no exterior com a chegada de novo pessoal; Preparar Remunicimento e Abastecimento.

03,20 h. - Completamento do cerco na área dos estúdios R.C.P. Intercepção do trânsito e movimento na área.

03,30 h. - Completamento do cerco ao Q.G. da R.M.L. e início de parlamentação.

04,00 h. - Saída duma força para a Residência General Spínola.

04,30 h. - Entrada e ocupação do Q.G./R.M.L.

BATALHÃO DE CAÇADORES Nº 5

RELATÓRIO DOS PREMILIARES DO MOVIMENTO DE 25 DE ABRIL

(Aditamento ao Relatório do Movimento)

- Os Capitães do Q.P. (Infantaria) do Batalhão de Caçadores Nº 5 (Camilo, Bicho Beatriz e Ribeiro da Silva) incorporaram-se desde os seus primórdios no Movimento de Oficiais que veio a culminar com o 25 de Abril e duma forma geral acompanharam todas as reuniões efectuadas na Metrópole.

- O signatário, encontrando-se na R.M.A., logo que o Movimento se tornou extensivo a outros postos, incorporou-se nas reuniões e veio fazer parte da Comissão de Angola. Apresentou-se no B.C. 5 em Fevereiro de 1974. Através dos Capitães do B.C. 5, incorporou-se no movimento da Metrópole.

- No dia 10 de Março, depois de ser conhecida a transferência do B.C. 5 para o C.T.I. da Madeira do Capitão Ribeiro da Silva, o signatário com os Capitães Camilo e Beatriz dirigiu-se ao Gabinete do Comandante da Unidade manifestando a sua solidariedade com os Oficiais que impediram a sua marcha e pedindo que tal atitude fosse comunicada superiormente.

- Os acontecimentos de 14 e 15 de Março, indignaram os Oficiais do B.C. 5 que ficaram decididos e desejosos para uma tomada de atitude que entendiam no entanto dever ser tomada no âmbito do Movimento que, segundo a sua consciência, já tomara suficiente amplitude para chegar às últimas consequências e não se limitar a um desagravo. A partir dessa altura deixaram de existir dúvidas, se é que ainda existam, quanto à disposição dos Oficiais do B.C. 5 para tomarem parte numa acção de força, deixando de haver qualquer questão de decisão mas, única e exclusivamente, de ocasião.

- Em 15 de Março cerca das 24 horas compareceram na minha residência os Capitães Camilo e Beatriz informando-me que, tendo procurado o contacto de elementos do movimento, por lhes constar que havia acontecimentos em Unidades do Norte, receberam (designadamente do Major Monge) indicações pouco precisas sobre esses acontecimentos e previsão da saída de Unidades. Quanto ao B.C. 5 foi expressamente dito para recolhermos a quartéis aguardando ordens. De notar que as indicações foram dadas apressadamente sem indicação de finalidades imediatas ou futuras, objectivos, personalidades contactadas ou a contactar., etc.

- Ainda na minha residência fizemos as deliberações prévias que a situação vaga e indefenida permitia, ficando acordada a minha ida de imediato ao quartel para ascultar a situação enquanto os capitães aguardariam no exterior um contacto telefónico.

- Chegando ao quartel encontrei-o já na situação de prevenção rigorosa, sob as ordens directas do Comandante efectivo, nada se sabendo de concreto sobre a situação a não ser que tinha constado haver uma sublevação do B.C. 5, facto que motivara um telefonema do Ministro da Defesa para o Coronel Coutinho David que conhecia pessoalmente, para esclarecer a situação.

- Mandei recolher os Capitães ao quartel onde resolvemos aguardar um melhor esclarecimento da situação ou ordens concretas do Movimento, tanto mais que havia notícias contraditórias e infundadas.

- Ao saber-se por via Oficial (não confirmada nem esclarecida) dum movimento a partir das Caldas da Rainha novamente se deliberou sobre a atitude a assumir. Pensando-se que outas Unidades próximas teriam de assumir posição não pareceu opurtuno que, desde logo, o fizéssemos, tanto mais que, desde uma saída em falso a notícias também falsas, tudo poderia estar a acontecer. No entanto, decidiu-se aderir ao Movimento logo que houvesse conhecimento que o R.I. 5 era acompanhado por outra Unidade significativa.

- Já de madrugada confirma-se o movimento a partir das Caldas da Rainha e é recebida ordem para uma Companhia do B.C. 5 cooperar na intercepção.

- Deliberei com o capitão Beatriz comandante da referida Companhia que ele sairia com meios Rádio que nos mantivesse informados da situação e que iria preparada para aderir ao movimento em curso.

- Pouco depois é-me comunicado pelo Capitão Beatriz que o Major Vinhas, cuja posição em relação ao Movimento não era conhecida, Iria a seu pedido, saircom a Companhia.

Tentei demover o referido Major e o Comandante da Unidade procurando substitui-lo na saída o que não consegui. Decidi com o Capitão Beatriz que se manteria as intenções mesmo que fosse necessária a prisão do Major Vinhas.

- A companhia saiu do quartel sem que se tenha chegado ao contacto com a força revoltosa ou se criassem condições para a aderência, havendo no entanto da parte do Major Vinhas uma participação muito activa que levou a duvidar da possibilidade duma sua futura adesão ao Movimento.

- Continuamos no decorrer desse dia, e mesmo nos dias seguintes sem o conhecimento esclarecedor da situação. A apresentação no B.C. 5 do Ten.- Cor. Bruno e a sua prisão que nos causou muita indignação não nos proporcionou todavia o esclarecimento do que se tinha passado e estava a passar.

- Logo que nos foi possível procurarmos estabelecer contacto com o Movimento dando o conhecimento de que estávamos dispostos a assumir qualquer atitude de defesa e solidariedade com os militares detidos a não ser que alguma atitude mais fundamental estivesse em preparação. Sendo-nos garantida esta última, adoptamos um comportamento adequado de serenidade e expectativa até ao início da preparação do Movimento do 25 de Abril, precedido duma conveniente elucidação, preparação, definicão de objectivos, etc

O COMANDANTE INTERINO
José Cardoso Fontão
Major de Inf.ª

Prémio Vitor Santos

O Jornal "A Bola" decidiu instituir o prémio VITOR SANTOS, destinado a distinguir personalidades nacionais ou estrangeiras, que se tenham distinguido no campo desportivo.

A A25A, recordando aqui um homem que soube conciliar a grande dignidade do seu comportamento cívico com o exemplo de uma das mais notáveis carreiras do Jornalismo da sua Geração, associa-se à homenagem daquele que foi o seu brilhante nº576.

Programa extracurricular de estudos Afro-Asiático da escola secundária da Amadora (ESA)

Comunicou-nos a Câmara Municipal da Amadora que a ESA, através do Clube de Estudos Afro-Asiáticos, entidade que se insere no âmbito do Projecto Pluridimensional daquela escola, vai organizar um ciclo de iniciativas tendo por temas de fundo a presença de Portugal em África e dos imigrantes africanos em Portugal. Neste ciclo insere um debate subordinado ao tema "Minorias Étnicas em Portugal", que decorrerá entre 4 e 9 de Maio de 1992, e as comemorações do "Dia de África", em 25 do mesmo mês.

A A25A tem, entre os seus associados, inúmeras personalidades vocacionadas para o estudo e tratamento destes temas. Aqueles que desejem participar nestas iniciativas da ESA deverão contactar o Clube de Estudos Afro-Asiáticos, através da Drª. Maria Leonor Cardeira, telefone 495 27 62.

Por consideramos o seu justificado interesse, a seguir se divulgam os OBJECTIVOS, TEMAS DE ESTUDOS, E ACTIVIDADES A DESENVOLVER, que constituem o projecto programático do Clube de Estudos Afro-asiáticos:

ESCOLA SECUNDÁRIA DA AMADORA
PROJECTO PLURIDIMENSIONAL
CLUBE DE ESTUDOS AFRO-ASIÁTICOS
1991/92

ACTIVIDADES EXTRACURRICULARES

OBJECTIVOS

1-Detectar as "marcas" de Portugal em África
2-Criar condições de educação para o desenvolvimento
3-Conhecer a realidade africana, através do caso angolano
4-Sensibilizar a comunidade para um reconhecimento cada vez maior da importância na nova ordem internacional
5-Identificar as possibilidade de superação do subdesenvolvimento
6-Consciencializar para a importância da interdependência económica, social e cultural

TEMAS A ESTUDAR:

"O primeiro ano da paz em Angola"
comemoração do "DIA DE ÁFRICA"
25 de Maio
- Almoço angolano
- música africana
- conferência subordinada ao tema

"Anos 60: Portugal e as suas colónias"
Integrado na semana cultural a decorrer na Escola entre 4 e 9 de Maio de 1992
- O colonialismo português:
  A assimilação da cultura metropolitana
  Causas da guerra colonial
- A guerra colonial:
  O isolamento português
  A política externa portuguesa
  A afectação dos recursos nacionais ao esforço da guerra
  Os intelectuais e a sua "produção"
- o fim da guerra
  As consquências:
  A Independência
  Guerra entre os Movimentos de Libertação
  Portugal após a Independência

ACTIVIDADES A DESENVOLVER

– Secções de informação
– Conferências/debates
– Passagem de filme
– Exposição
– Visitas de estudos
– Passagem de modelos de moda africana
– Inquéritos e entrevistas
– Recolha de informação e sua organização
– Intercâmbio com escolas africanas da expressão portuguesa
– Contactos com ONG's., embaixadas, asssociações africanas de índole cultural, institutos para o desenvolvimento e outras instituições.

V.S.

O Referencial conta a partir deste número com a colaboração especial de V.S., assinatura artística do nosso associado coronel Luís Vicente da Silva.

V.S., licenciado em pintura pela Esbal, tem já uma obra vasta e de muito mérito no campo da pintura e do "cartoon", com participação em numerosas exposições e passará, em princípio, a ilustrar, com a ironia e a oportunidade do seu traço inconfundível, o tema mais saliente do editorial.

Quis também V.S. proporcionar-nos a reprodução dos "cartoons", que, na década de 60 e princípios da de 70, fizeram escola, preenchendo as páginas centrais do "Jornal do Exército". Publicá-los-emos por ordem cronológica de produção, com a garantia do interesse que despertarão, até porque, no seu conjunto, constituem um retrato, por vezes cáustico, mas também solidáriamente humano, da história recente do nosso exército.

Já agora um desafio.

Os observadores mais atentos costumam descobrir que, em geral, nos quadros e desenhos em cuja composição entra um largo número de figuras, surge sempre uma delas que contém traços duma personalidade que posteriormente se vem a destacar na vida pública. É o que se pode chamar uma caricatura antecipada.

É célebre a "Figura de Salazar", constante dos painéis de São Vicente.

Pois, descubra o leitor, qual a personalidade actual que aparece, providencialmente, no emaranhado de figurantes deste cartoon de V.S. feito de 1963.

PUBLICIDADE N'O REFERENCIAL

Decidimos abrir O Referencial à publicidade.

Aproveite esta oportunidade e ajude a A25A.

Informações na sede.

COMEMORAÇÕES DO 25 DE ABRIL

ALMOÇO-CONVÍVIO

Como habitualmente, realiza-se no dia 25 de Abril o almoço-convívio comemorativo do 18.º aniversário do 25 de Abril, que terá lugar no Pavilhão Carlos Lopes, pelas 12H30.

Neste almoço será, em cerimónia solene, entrege o bastão de Marechal, ao Sr. Marechal Francisco da Costa Gomes.

COMEMORAÇÕES POPULARES

Efectua-se o tradicional desfile do dia 25 de Abril, em Lisboa, com concentração no Marquês de Pombal pelas 15H00 e que percorrerá a Avenida da Liberdade, terminando com um comício no Rossio. A A25A apoia esta manifestação apelando à participação de todos os seus sócios, apoiantes e amigos.

CORRIDA DA LIBERDADE

Em organização conjunta da A25A, Colectividades de Cultura e Recreio e Câmara Municipal de Lisboa, com o apoio da Federação Portuguesa de Atletismo, Associação de Atlestismo de Lisboa, Cruz Vermelha Portuguesa, COAL, Rádio CB da Caparica, Juntas de Freguesia de Carnide, Pontinha, Ajuda, Alcântara e Câmara Municipal de Loures terá lugar em 25 de Abril, com partidas às 9H30 da Pontinha, Rossio e Rua de Sampaio e Pina e com meta de chegada nos Restauradores, a Corrida da Liberdade, para atletas de ambos os sexos e de todos os escalões etários.

COLÓQUIO "25 DE ABRIL E O PORTUGAL EUROPEU"

Integrado no ciclo de comemorações do 25 de Abril, a APRIL, com o apoio da Delegação Norte da A25A, promove, no dia 11 de Abril, na Reitoria da Universidade do Porto, um colóquio, subordinado ao tema "O 25 de Abril e o Portugal Europeu", que compreenderá os seguintes sub-temas:

- situação cultural, social, políti ca, militar e económica em 24 de Abril de 1974;
- o que mudou no dia 25 de Abril de 1974;
- o Portugal-Europeu - que herança do 25 de Abril.

MAFRA

Um grupo de cidadãos do Conselho de Mafra e Torres Vedras, organiza um programa para o dia 24 de Abril, que constará de concentração em frente à Basilica de Mafra, às 19H30, concerto de carrilhão pelo Comandante da TAP Francisco Gato, e jantar no Hotel Castelão, às 20H00, com a presença de membros da Direcção da A25A e outros "militares de Abril".

As inscrições para o jantar estão abertas no Hotel Castelão, Av. 25 de Abril, 2640 MAFRA.

PORTO

Em colaboração com a APRIL, a Delegação do Norte, promove um colóquio com tema e em data a divulgar oportunamente.

1000M
SOBE E DESCE 3 VEZES
TIRO
FIXAR INIMIGO
ATAQUES
TROPA CHOQUE
RESERVA
ZONA DOS CONTRA-ATAQUES
SOBREVIVENCIA
ATAQUES
MARCHAS (50Km)
GOLPES... DE MÃO
CROSS
EMBOSCADA
MINA
SAPADORES
VS

HÁ 30 ANOS. UMA NOITE ESCURA DE INVERNO QUE PRECEDEU A MADRUGADA RADIOSA DA PRIMAVERA DE ABRIL.

Têm os "militares de Abril" sabido sempre conciliar o justificado orgulho de protagonistas, no acto final que liquidou a ditadura que entre 1926 e 1974 vigorou em Portugal, com o reconhecimento devido aos diversos sectores democráticos e aos seus camaradas militares mais velhos, que se opuseram à tirania e, corajosamente, promoveram sucessivas tentativas para o seu derrube. A estes cabe o mérito do desgaste que foram provocando no regime, contributo valioso para o êxito que viria a verificar-se em 25 de Abril de 1974.

Neste reconhecimento se inscrevem a promoção e participação em várias cerimónias evocativas dos actos mais relevantes daquelas lutas, nomeadamente o 3 de Fevereiro de 1927 no Porto, a Revolta da Madeira de 1931, as homenagens ao General Humberto Delgado.

Nela se inscreve também a organização, em colaboração com a Câmara Municipal de Beja, das comemorações do 30º aniversário da Acção Revolucionária de Beja, que na noite de 31 de Dezembro para 1 de Janeiro de 1962 teve como palco central o quartel do Regimento de Infantaria 3 daquela cidade alentejana.

Aqui se juntaram, em 18 de Janeiro passado, uma delegação da Direcção da A25A, que incluía o seu presidente Tenente-Coronel Vasco Lourenço e o Major médico Cruz Oliveira, e um significativo número de militares e civis, participantes naquele acto que constituiu a última tentativa armada para implantar a democracia em Portugal, antes da emergência do Movimento das Forças Armadas.

O Referencial associa-se à comemoração da efeméride, que consistiu numa sessão pública na Casa da Cultura e no descerramento de uma placa alusiva na Avenida Miguel Fernandes e que contou com a solidária presença de significativo número de cidadãos de Beja.

A sessão pública foi aberta pelo presidente da C.M.B., Sr. Correia Marques e encerrada com um curto improviso do Dr. Gomes Mota, representante do Sr. Presidente da República, que aceitou presidir às cerimónias, assim reconhecendo o seu significado.

Dá-se assim público testemunho, que a importância das afirmações proferidas justifica, das várias intervenções produzidas: Dr. Fernando Piteira Santos (cuja mensagem foi lida pelo Coronel Pedroso Marques por o próprio, doente, não poder estar presente) Engº Manuel Serra, e Coronel Varela Gomes.

Recorde-se que os Coronéis Pedroso Marques e Varela Gomes e o engenheiro Manuel Serra foram, como muitos dos presentes, alguns dos revoltosos de Beja, que vieram a sofrer sistemática e feroz perseguição enquanto perdurou a ditadura.

Intervenção de Manuel Serra

1962 – Beja – 1992

Senhor Representante do Presidente da República
Senhor Presidente da C.M. de Beja
Senhor Presidente da Associação 25 de Abril
Minhas Senhoras, Meus Senhores,
Queridos
Companheiros

Bem hajam a todos que permitiram a realização deste acto para que a acção armada de Beja continue a ser memória da nossa história.

Portugal há 30 anos

Portugal há trinta anos caraterizava-se por ser um país económico, social, cultural e politicamente o mais atrasado e desprestigiado da Europa.

Todos os índices nos colocavam na cauda europeia a grande distância de todos os outros países ocidentais.

Politicamente, como de todos é sabido, o país estava dominado por um regime obsoleto, repressivo, policial e violador dos mais elementares direitos humanos.

O tecido produtivo: agricultura, indústria e serviços, para além do grande atraso viviam em crise permanente.

O Povo

Pobre, ignorado, explorado e sem horizontes a não ser a emigração. Os índices económicos (situação dos familiares), o analfabetismo, a mortalidade, etc., eram de tal ordem que nos classificavam como país do "terceiro mundo".

Como resposta a tanta desesperança o povo português outra forma não encontrou que não fosse o abandono do país em avalanches de fuga com sofrimento inenarráveis, direito à imigração.

A isto chamavam, os corifeus do regime: espírito aventureiro do povo português, infelizmente, o "bando político" que

governava Portugal não tinha esse espírito de aventura, por isso cá ficaram durante 48 anos.

A acção de Beja

Porquê Beja?...

Três foram os factores que distinguiram Beja como zona a ser eleita para nela se desencadear uma acção revolucionária como a que se efectivou:

O Povo, a consciência política e social do povo alentejano. Durante longos anos da noite fascista, o povo através do seu sofrimento e luta estava assás preparado para a adesão ao movimento que se pretendia desencadear em Beja.

O representante do Presidente da República descerra a placa comemorativa

A geografia a região estava relativamente afastada das zonas de maior implantação militar e igualmente afastada do aparelho político e policial repressivo.

As condições Operacionais,o Quartel e as facilidades possibilidades pelos oficiais aderentes ao movimento foram basto decisivas, já que esses oficiais eram quadros muito conhecedores da unidade e muito determinados.

Os Intervenientes

Civis, provinham de todas as camadas sociológicas: estudantes, trabalhadores, intelectuais, homens e mulheres; de todas as formações ideológicas: católicos padres, religiosos, republicanos, maçons, monárquicos, comunistas, socialistas, em suma, reflexo sociológico da população portuguesas.

Militares, uns mais, outros menos politizados, todavia, refletindo a mesma formação ideológica dos civis.

Determinação, três idas a Beja bem demonstraram a determinação e a certeza de que o fascismo só através da acção armada era possível derrubá-lo, aliás, como viria a acontecer passados 12 anos com o vitorioso 25 de Abril.

Coragem, sem grandes meios e não muitos homens, um arranque, apesar disso ou por isso mesmo, com grande coragem lançaram-se na acção para mudar o curso da história de quase quatro décadas de regime repressivo e opressor.

A dávida, tudo deram, a vida, como os companheiros Davide Lopes e António de Abreu e, mais tarde, Humberto Delgado. Tudo pagaram: a liberdade, a família, os bens, o pouco ou muito que possuíam. Tudo sofreram: a tortura, o encarceramento por longos anos, a imigração, a difamação, a perseguição, enfim, tudo o que o arsenal repressivo do regime possuia foi minuciosamente acionado.

Dávida ainda, em razão da gratitude e de desinteresse total pelo feito, por quanto, até hoje nada exigiram, nada reclamaram.

O que se pretendia, pôr fim a um regime que, para além de repressivo, tinha levado o povo a uma miséria tal que ainda hoje se está com dificuldade em sair dela.

Corrida, por outro lado, contra o tempo, de molde a aceitar o sofrimento causado pela guerra colonial, quer a um, quer a outros povos.

Perdeu-se no terreno, ganhou-se na história, na medida em que vingou a certeza de que o regime só por mor de uma acção armada seria possível derrubá-lo e, assim, terminar de vez com um "bando de malfeitores políticos" que durante quase meio século oprimiram e violentaram o país e o seu povo.

Trinta anos idos vão. O fascismo existiu. Sempre houve quem se lhe opusesse e a vida foram dando para o derrubar, até que, em 74, com o 25 de Abril a liberdade aconteceu.

Valeu a pena, companheiros. E parafraseando o Poeta:

Quando a coragem e a alma não são pequenas.

E não foram.

Obrigados a todos.

Palavras de Varela Gomes

Prezados Senhores
Caros Amigos

Acharam que eu devia dizer algumas palavras, hoje aqui, neste aniversário que assinala os 30 anos da **ACÇÃO REVOLUCIONÁRIA DE BEJA**.

(Desde já, permitam-me sublinhar esta designação de Acção Revolucionária a qual, penso, traduz com bastante maior fidelidade o que realmente sucedeu, que a designação de "Revolta" – que pressupõe uma dimensão que não existiu, ou não foi alcançada;- ou ainda, a designação de "Assalto ao Quartel" – pois os portões foram franqueados pelos próprios militares do regimento)-.

Estivémos aqui em Beja, com idêntico propósito evocativo, em 1987, no 25º aniversário. Uma rua foi então baptizada com os nomes de António Vilar e de David Abreu, ambos mortos na acção. Realizou-se uma sessão pública.

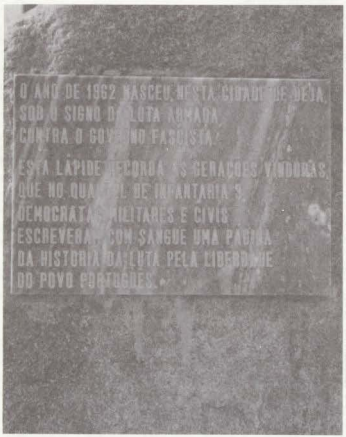
Em Lisboa teve lugar uma sessão-debate na Casa do Alentejo. Para mim estavam esgotados os aniversários comemorativos. Afinal, aqui estamos

outra vez, no 30º aniversário, mercê do esforço organizativo da Associação 25 de Abril, e do Município da Cidade de Beja.

No entanto, não podemos deixar de notar que um acto público desta natureza de reflexão, e em memória de uma acção revolucionária antifascista - é algo que surge insólito, dissonante, ao arrepio do actual panorama político-social português. Creio que todos concordarão, sem dificuldade, que a situação que hoje se vive em Portugal - a situação ideológica, se quiserem, a opinião pública dominante - se aproxima bastante do quadro de valores que reinava no País antes de 25 de Abril de 1974; e contra a qual nos revoltámos no primeiro dia do ano de 1962.

Se, formalmente, a democracia está implantada, não é menos verdade que vivemos em pleno restauracionismo, no que respeita aos valores e à ideologia dominantes. Para não falarmos das próprias pessoas, do próprio pessoal político. E é curioso notar que, enquanto nós, os revoltosos de Beja (e, de uma maneira geral, a geração antifascista dos anos sessenta) somos considerados umas figuras do passado (para não dizer, uns velhos fósseis), os fascistas de primeira grandeza (mais idosos), como Franco Nogueira, Adriano Moreira, Hermano Saraiva, Veiga Simão, etc, são ouvidos com deferência pelo poder "democrático", assinam colunas na imprensa de grande tiragem, dão opiniões em tudo que é orgão da comunicação social, influenciam os tribunais e o executivo com os seus doutos pareceres.

O facto é que rememorar uma acção revolucionário antifascista, no presente momento, vai contra o "sistema" político/social vigente de características de direita restauracionista. Tem o sabor de um desafio. Vêm à mente - guardadas as devidas diferenças - as comemorações do 5 de Outubro durante o regime fascista, as homenagens aos heróis do 31 de Janeiro. Isto é: a cerimónia que estamos aqui efectuando em Beja - de âmbito local, e certamente sem ressonância nacional - poderá também ser considerada - e a mim, pessoalmente apraz-me fazê-lo - como um acto simbólico de resistência, como uma manifestação de protesto contra a "ordem estabelecida".



"Pormenor da placa comemorativa: ... democratas militares e civis escreveram com sangue uma página da História da luta pela liberdade"

Foi aliás, nessa perspectiva que acabei por aceder a vir mais uma vez a Beja, na comemoração da acção revolucionária em que tomei parte; jamais o faria no espírito de "romagem saudosista", ou para homenagear fosse quem fosse.

Sobre os acontecimentos em si - a descrição da operação - já tudo foi dito, escrito, publicado. Não existe mais caixa jornalística para descobrir, mais nehuma peça foclórica. O limão está completamente esprimido, não deita mais qualquer gota de sumo.

A 30 anos de distanciamento só é legitima e válida uma apreciação retrospectiva, que leve em conta o enquadramento político/social da época. Isso também tem sido feito embora nem sempre. Penso no entanto, ser escusado perder aqui tempo a recapitular a situação existente em Portugal, no ano de 1961, e a série de acontecimentos que revelavam as fragilidades que então apresentava o regime salazarista.

Como é sabido, nós, os participantes na acção revolucionária de Beja, nunca fomos indemnizados, condecorados, etc. Mesmo os militares que foram reintegrados na sequência do 25 de Abril, beneficiaram de uma lei geral que não foi promulgada especialmente para nós. Ainda bem que assim sucedeu. Felicito-me por isso. E felicito-me porque isso me confere - nos confere - uma indiscutível autoridade para exprobarmos às instituições democráticas (em particular, aos vários governos constitucionais desde 1976) a política de benesses, prebendas, conezias, galardões e privilégios de toda a ordem, com que vêm conteplando os antigos fascistas, os fugitivos exilados em Espanha e no Brasil, os ex-pides, os campeões da guerra colonial e da repressão.

Sabem os meus ouvintes que nenhum pide perdeu um único dia de salário? E que lhes foi, posteriormente, facultada a "recontituição" das carreiras (promoções, etc.) ? Sabem que nenhum juiz do Plenário viu a respectiva carreira interrompida? Incluindo o acusador público - Lopes de Melo, de seu nome - hoje juíz conselheiro do Supremo, que lamentou já não existir pena de morte, pois seria essa a condenação que gostaria nos fosse aplicada.

Sabem que todos os senhores professores fascistas, os militares contra-revolucionários, etc, que fugiram para o estrangeiro, foram pagos de retroactivos e indemnizados ? Paremos por aqui; nem vale a pena estender o rol. Uma sistemática leitura do Diário oficial, da lista de benesses que consta em cada número, provoca arrepios de indignação.

Sómente, para fechar este parenteses, uma última façanha do regime democrático: em 1987 foi agraciado com uma pensão vitalícia (a somar ao vencimento) "por serviços excepcionais prestados à Pátria", o famigerado capitão Maltez

Soares, comandante da Polícia de Choque em Abril de 1974; e que durante as eleições de Outubro de 1973, comandou a carga contra as pessoas que estavam à porta de um comício da Oposição, ferindo várias entre elas minha mulher e filha. Apresentei uma reclamação na Assembleia da República, ao abrigo do art.º 52º da Constituição. Já lá vão quatro anos! O pretexto é que o artigo não está regulamentado! Ou seja, trata-se de um embuste, tal como o célebre artº 8º da Constituição fascista.

Pois resta-nos - aos participantes na acção de Beja - a satisfação, a boa consciência, de termos dado testemunho pelo inconformismo, pelo espírito de revolta (por que não, da coragem ?) de uma geração. Esse é o nosso título de honra. Não queremos outro. Não podemos conceber - eu não posso, definitivamente - um reconhecimento oficial provindo de qualquer dos actuais orgãos de soberania. Arriscava-me a ser condecorado, em simultâneo, na mesma cerimónia pluralista, com o bombista Ramiro Moreira de um lado, e do outro o legionário Calapez.

A acção de Beja no início do ano de 1962 era revolucionária no seu propósito. Isto é, não se tratou de um mero golpe de estado. Procurava abrir caminho a uma mudança social. A abolição dos monopólios, dos privilégios, a diminuição das desigualdades de nível de vida, a extinção da miséria, estavam no horizonte dos revoltosos. Tal como, 12 anos mais tarde, estavam no programa dos capitães de Abril. A composição do grupo de arranque, com a sua forte componente popular, significava isso mesmo. Nessa perspectiva, não podemos dizer - 30 anos passados, democracia formal funcionando há 16 - que os nossos ideais tenham sido atingidos. A realidade é bem diferente. Dramáticamente diferente. Aprofundaram-se as desigualdades entre os cidadãos; o favoritismo por um lado, a discriminação por outro, são a regra básica da governança; a corrupção grassa impune; os tribunais revelam-se impotentes. O sitema que está implantado mostra sem pudor, as suas inclinações filo-fascistas.

Por estes dias, pode ler-se na imprensa que o orçamento para 1992 fixa o máximo de aumento para os trabalhadores em 9 %, enquanto consagra (sem discussão) 25% para as chefias. Os políticos profissionais e os governantes da democracia estarão, naturalmente, incluídos na categoria dos 25%. Também as ajudas de custo para chefes e equiparados, crescerão 25%. Já não se trata de injustiça social. Trata-se de cinismo social. Nestas circunstâncias, as razões de revolta, as mais fundas razões da revolta que nos trouxeram a Beja na madrugada do dia 1 de Janeiro de 1962, não só se mantêm como estão agravadas.

Não é agora questão de revolta armada, evidentemente. Mas continua sendo tempo de revolta cívica, de inconformismo, de recusa.

Se há alguma mensagem que, penso, deva ser deixada é esta: que cada um de nós, cada um que respeita o significado da Acção Revolucionária de Beja, assuma com determinação, a quota-parte que lhe compete na revolta contra os abusos do poder, quer ele tenha o rótulo democrático, ou não.

Cidade de Beja, 18 de Janeiro de 1992

Mensagem de Piteira Santos

Nestes trinta anos que nos separam dos acontecimentos da noite 31 de Dezembro de 1961 para 1 de Janeiro de 1962, um outro acontecimento ocorreu ao qual a História reservou um destino diferente. Não foi uma derrota honrosa, um insucesso digno de ser lamentado e evocado como acto de valentia e civismo. O outro acontecimento alcançou sucesso, foi uma grande vitória do nosso povo na luta pela Liberdade, pela Democracia, pela Justiça Social. É à luz desse acontecimento vitorioso, o 25 de Abril de 1974, que celebramos hoje, aqui, nesta cidade de Beja, a capital cultural e política do Alentejo meridional, a tentativa revolucionária, os que perderam a vida no assalto ao Quartel de Infantaria, os que caíram nas garras da repressão policial, os que sofreram as condenações de tribunais ao serviço do regime fascista, os que sofreram torturas, perseguições e exílios.

Vidas sacrificadas ao sonho e ao combate na sucessão dos combates que desde Fevereiro de 1927, mlitares e civis, intelectuais e trabalhadores, travaram pela restauração de Liberdade. Os revolucionários de Beja integram-se na grande linhagem da resistência à tirania policial fascista. Lutaram pela conquista da Democracia. Foram precursores, na sua luta derrotada, da Alvorada vitoriosa de Abril. Honraram o Portugal antifascista, anticolonialista e democrático.

Não tomam pose de heróis ou de iluminados. Militares e civis são cidadãos conscientes do valor exemplar do seu combate. E disso se orgulham. Orgulham-se de contra o fascismo terem cumprido, militares e civis, o seu dever de portugueses.

E é apenas isso - a afirmação de um dever cumprido - que hoje aqui proclamam com os olhos postos nas gerações mais novas e o coração ansiando pelo futuro do Portugal democrático.

TOMADA DE POSSE DOS CORPOS GERENTES

No dia 23 de Janeiro de 1992, pelas 21,00 h., na sede da Associação 25 de Abril em Linda-A-Velha tomaram posse os orgãos sociais da A25A eleitos na Assembleia Geral de 11 de Janeiro, sendo de assinalar que, pela primeira vez, integram a Direcção, associados civis. É a seguinte a sua composição.

MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

Presidente.....Coronel Carlos Alberto Idães Soares Fabião
Vice-Presidente.....Cap. Frag. José Manuel Oliveira Monteiro
1º Secretário.....Sarg. Mor. Cremildo Lobato Possante
2º Secretário.....Major Carlos Octávio T. Cruz Oliveira
Suplentes.....Sarg. Aju. Joaquim José Filipe Ventura
.....1º Sargento Vitor Manuel F. Ribas de Lira

ASSEMBLEIA GERAL

Realizou-se no passado dia 11 de Janeiro de 1992 no auditório do CESL, a Assembleia Geral da A25A, na qual foram, entre outros pontos da Agenda, aprovado o Relatório Anual da Direcção relativo ao ano de 1991 e eleitos os corpos sociais para o biénio 1992/93.

DIRECÇÃO

Presidente.....T. Coronel Vasco Correia Lourenço
Vice-Presidente.....C.M.G. João Caiado G. F. de Campos
Secretário.....Capitão José Barata Olivença
Tesoureiro.....Coronel Manuel Antunes Borges Correia
Vogais efectivos.....T. Coronel Nuno Manuel G. F. Lopes Pires
.....T. Coronel Eduardo Augusto F. G. de Abreu
.....Sarg. Aju.Ricardo Maria Riça da Silva
.....Manuel José Esteves Rodrigues
.....Viriato Soeiro Ferreira Camilo
Vogais suplentes....T. Coronel José Augusto dos S. Rosário Simões
.....Capitão José Manuel Dourada Mendes

CONSELHO FISCAL

Presidente.....General Amadeu Garcia dos Santos
Primeiro Secretário.....Coronel Eugénio Oscar Filipe de Oliveira
Segundo Secretário.....C. Tenente Fernando Almeida Cavaco

PARECER DO CONSELHO FISCAL RELATIVO À GESTÃO REALIZADA PELA DIRECÇÃO DA ASSOCIAÇÃO 25 DE ABRIL, DURANTE O ANO DE 1991

O Conselho Fiscal emitiu o seguinte parecer relativo à gestão realizada pela Direcção da Associação 25 de Abril durante o ano de 1991 e que foi aprovado por unanimidade e aclamação, bem assim como o Relatório e cortes de gestão.

No desempenho das funções previstas nos estatutos da Associação 25 de Abril, cumpre ao Conselho Fiscal emitir relatório e dar parecer sobre os documentos de prestação de contas da nossa Associação.

O conselho acompanhou o desenvolvimento da actividade da Associação no decurso do exercício de 1991.

No final do exercício, este Conselho analisou os documentos de prestação de contas apresentados pela Diracção e procedeu às verificações que achou convenientes.

Tudo devidamente ponderado, somos do parecer que:

- sejam aprovados o Balanço, Demonstração de Resultados Líquidos e Anexo ao Balanço;.
- o Resultado Líquido Negativo de 493.928$00, transite para o exercício de 1992
- que louveis a direcção por ter concluído seu mandato e realizado o trabalho útil, conforme consta o relatório.

Lisboa, 08 de Janeiro de 1992

O Conselho Fiscal

SALGUEIRO MAIA

Foi já após encerrada esta edição que se verificou o falecimento do Salgueiro Maia. Se bem que não completamente inesperada, para quem como nós acompanhou a evolução da sua doença, surpreendeu-nos a sua vertiginosa aceleração nas últimas semanas.

No próximo número ocuparemos largo espaço com este que foi um dos primeiros "rostos visíveis" do MFA. A sua rica personalidade, alegre e inconformada, irreverentemente crítica, inteligente, corajosa e audaz, irónica na sua insatisfação esperançosa, foi bem a síntese do espírito de Abril, que ele quis cultivar até ao último momento, descendo à terra ao som da Grândola Vila Morena.

Fizemos-lhe a vontade. Não como despedida. Porque sempre que cantarmos a canção-símbolo do Zeca Afonso, ouviremos entre as nossas a voz firme do Salgueiro Maia e sentiremos nos nossos ombros o calor das suas mãos solidárias.

Até à vista companheiro.

PPC

CONVITES FEITOS A A25A

- GALERIA QUADRADO AZUL
Inauguração da exposição de pintura de Emerenciano
12/12/91
- GALERIA DE ARTE CAPITEL
Exposição colectiva - 4º Bienal sobre o tema "Opurtunidades a jovens principiantes"
4/1/92
- TEATRO DA CORNUCOPIA
Estreia de peça
" A Missão - Recordações de uma revolução" de Heiner Muller
16-17/1/92
- GALERIA QUADRADO AZUL
Inauguração da exposição de pintura de Maria Alice
17/1/92
- SINDICATO DOS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA VIDREIRA
Comemorações "Revolução de 18 de Janeiro de 1934"
17-18/1/92
- GALERIA DE ARTE CAPITEL
Inauguração da exposição de pintura de José Berardo
25/1/92
- ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE SARGENTOS
Comemoração 31 de Janeiro "Dia Nacional do Sargento"
1/2/91
- GALERIA DE ARTE CAPITEL
Inauguração da exposição de Hipólito Andrade
15/2/92
- CLUBE DO SARGENTO DA ARMADA
Sessão solene comemorativa do 17º Aniversário do C.S.A.
22/2/92
- CÂMARA MUNICIPAL DA AMADORA
Convite para participação no "Dia de África"
25/5/92
Debates subordinados ao tema "Minorias Étnicas em Portugal"
4-9/5/92
- GALERIA DE ARTE LIBERDADE 190
Exposição de pintura de Paula Carreira
5/3/92
- GALERIA DE ARTE CAPITEL
Exposição de J. Eliseu (filho)- pintura e Maria Goretti - Escultora
7/3/92
- O JORNAL EXPRESSO
Convite para comemoração do 19º Aniversário de Gente do Expresso
9/3/92

OFERTAS FEITAS A A25A

- INFORMAÇÃO BIBLIOGRÁFICA N. 6/91 - NOV. DEZ.
Oferta do Centro Documentação Amílcar Cabral - CIDAC

- DOCUMENTOS POLÍTICOS oferta da Intervenção Democrática

- REVISTA CRÍTICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS N.33 - OUT 91
Oferta do Centro de Estudos Sociais

- "SOMBRA DE PESSOA(S)"
Livro de poemas de JULIÃO BERNARDES. Oferta do autor, Major Leão Repolho, sócio da A25A

- "ULTRAMAR ... Pequenas histórias por contar ..."
Livro do Capitão JOSÉ VALENTIM DE MATOS PRATA. Oferta do autor, sócio da A25A.

ACTIVIDADES REALIZADAS OU PARTICIPADAS PELA A25A

COLÓQUIOS E DEBATES ACERCA DO LIVRO DO BRIG. PEZARAT CORREIA "DESCOLONIZAÇÃO DE ANGOLA - A JÓIA DA COROA DO IMPÉRIO PORTUGUÊS"

PORTO - 14 DEZ 91 - 21.30 h.
CÂMARA MUNICIPAL DE MATOSINHOS
LISBOA - 18 DEZ 91 - 21.00 h.
HOTEL ROMA
TORRES NOVAS - 17 JAN 92 - 21.30h.
SEDE DO CINE-CLUB DE TORRES NOVAS
COIMBRA - 11 FEV 92 - 21.30 h.
AUDITÓRIO DA FACULDADE DE ECONOMIA
SANTARÉM - 24 MAI 92, 21.00h.
CENTRO CULTURAL

ASSOCIADOS FALECIDOS NO 1º TRIMESTRE DE 92

Coronel Carlos Luís Cirne
Sócio efectivo n.º 844 (Fundador)

Cmd. João Pedro Garrido Borges
Sócio efectivo n.º 12 (Fundador)

Cap. Prof. Manuel Ferreira
Sócio efectivo n.º 1939

Álvaro José Pereira Ataíde
Apoiante n.º 1377

Leonardo José dos Santos
Apoiante n.º 733

Faleceu no passado dia 16 de Fevereiro o Capitão-de-Mar-e-Guerra João Pedro Garrido Borges.

Sócio fundador da nossa Associação, à qual também se ligou como seu Secretário Permanente, o Com.te Garrido Borges, foi animoso Militar de Abril..

Aliás, a sua participação entusiasta no Movimento que introduziu a liberdade e propôs a democracia e a justiça ao país, foi o gesto natural de quem muito antes havia reconhecido a iniquidade do regime e o havia contestado pelas vias possíveis. Ditava-o a sua generosidade, a sua inteligência e o alto sentido de responsabilidade com que encarava a função militar.

Mas foi talvez no período mais difícil do pós 25 de Abril, aquele onde se acentuaram as perturbações, as incertezas políticas, as dúvidas sobre o papel social dos militares e se questionaram os seus valores, que mais se evidenciaram as suas qualidades.

A dignidade pessoal que lhe era reconhecida, a sua nobreza de procedimento, o bom senso, a frontalidade e coragem com que discutia os problemas e assumia as responsabilidades, a firmeza das suas convicções, fizeram com que o Com.te Garrido Borges constituísse referência marcante e tivesse tido influência em vasto sector do Movimento.

Embora com profundo significado, não se cinge à sua participação no 25 de Abril a exemplaridade da sua vida, antes se inscreve num conjunto muito vasto de vivências quer na dignidade da sua vida na Marinha, quer no seio da família, ou no convívio fraterno com os camaradas, subordinados e amigos.

Por tudo isto, não pode deixar de se associar à triste notícia da sua morte, a lembrança da grande estatura de Homem e de Militar que o Com.te Garrido Borges teve na vida.

V.C.

Estamos a ser marginalizados desde 1976. Chegámos a estar nove oficiais do movimento desterrados nos Açores (...) A marginalização é da responsabilidade do poder político.

Sequeira Maia
ao "Público"
17 Jan. 91

A Associação foi despejada do Forte do Alto do Duque, com o argumento de que as instalações eram precisas. Claro que as instalações deixaram de ser necessárias depois do despejo e foram cedidas a uma associação que, por acaso, comemora o 28 de Maio

Idem

Ainda me dá gozo ouvir alguns políticos falarem da "sociedade civil", quando eles próprios foram dos que mais namoraram os militares. Todos os partidos tentaram contar espingardas. Mas, desde 76, todos os que procuraram apresentar-se como pais da revolução começaram a querer alijar a carga.

Idem

A vida no mato e a participação na guerra mostraram-me uma outra realidade: o trabalho forçado, os castigos corporais, o racismo, tudo o que fazia parte do dia-a-dia do sistema colonial e que era a negação do que a propaganda do regime dizia.

Idem

Em 1974, encarámos o risco: vamos ou não vamos? Optámos por arriscar, mesmo não sabendo o que vinha a seguir. É que, para nós, não queríamos nada. (...)
(...) Nós estávamos dispostos a derrubar o regime e o povo veio para a rua dar-nos razão.

Idem

Marechal não é um posto, mas uma dignidade. É conselheiro do Presidente da República para assuntos militares.

P. – E já foi alguma vez contactado pelo Presidente Mário Soares?

Nunca. Damo-nos muito bem, quando nos encontramos falamos cordialmente, mas ele nunca me chamou para dar a minha opinião sobre questões militares.

Marechal Costa Gomes
a "O Jornal"
7 Fev. 92

Pensei desde Macau que a descolonização era um fenóme-no absolutamente natural e que nós a devíamos fazer o mais cedo possível e baseando-nos sobretudo nas conversações e no apoio que podíamos ter dos países aliados.

Idem

Mas é verdade que a América apoiou a África do Sul na primeira incursão em Angola, que só foi travada perto de Luanda pelas forças cubanas. Aí, entendo que os americanos tiveram mais culpas do que os soviéticos. Mas isso não quer dizer que tanto uns como os outros, prosseguindo a ideia absurda de quererem ser senhores do mundo, quisessem dominar aqueles países que ascendiam à independência.

Idem

Da Presidência fiquei com uma boa recordação, é ter evitado a guerra civil.

P. – E um grupelho dá para fazer uma guerra civil?

Dá, porque o que é preciso é desencadear. Porque se se desencadeia uma acção militar depois ninguém tem mão nela. O difícil é dar o primeiro tiro. E o que devemos é evitar o primeiro tiro. E só se evita o primeiro tiro se tiverem a certeza de que, se o derem, têm resposta imediata.

Idem

Nunca tive, como os generais Spínola e Kaúlza, uma «antena» que recriasse a minha imagem sob o ponto de vista militar e, sobretudo, político.

Idem

INTERVENÇÕES PÚBLICAS

Atenta ao que se passa no mundo, a A25A acompanhou alguns dos acontecimentos que mais atraíram a atenção da opiniaão pública. Neste contexto, por inicativa própria ou a solicitação de outras entidades assumiu as seguintes posições:

1. DECLARAÇÃO SOBRE A TENTATIVA DE GOLPE NA VENEZUELA

Condenação da tentiva dos militares venezuelanos interroperem a democracia, contrapondo-lhe a atitude dos militares do MFA que, intervindo da única maneira que às Forças Armadas é legitimo intervir na política interna do seu país, derrubaram um poder ilegítimo e restituiram a liberdade ao povo português.

2.CONVENÇÃO POR TIMOR LESTE

Intervenção do presidente da Direcção, onde se apontam alguns argumentos que justificam a continuação da defesa da autodeterminação do povo de Timor--Leste. Indicando exemplos do passado, nomeadamente os casos da Nova Guiné Ocidental (actual Irião Ocidental), do conflito Israelo-Árabe e da invasão do Koweit, procura justificar-se a utilização dos mecanismos de intervenção da ONU. Rejeita com veêmencia atitudes que alguns países aliados de Portugal, nomeadamente os EUA e a Austrália, vêm assumindo. O passado colonialista de Portugal não pode justificar nem a ocupação e opressão de Timor-Leste nem a repressão e violação dos direitos dos timorenses, até porque uma das razões de ser do 25 de Abril foi, precisamente, acabar com situações dessas. Portugal é hoje um país livre e democrático e não pode aceitar lições de quem não tem autoridade moral para as dar.

3. CONGRESSOS DO PS E DO MDP

Envio de mensagem de saudação, através de representates da A25A.

4. ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE SARGENTOS

Envio de mensagem de saudação, através de um representante da A25A, em 31 de Janeiro, apoiando a luta pela dignificação dos sargentos e, nomeadamente, a oficialização do 31 de Janeiro como Dia Nacional dos sargentos portugueses.

SEDE

Finalmente apareceu uma luz ao fundo do túnel.

Devido a uma intervenção do Chefe de Estado Maior do Exército, o Ministro da Presidência e da Defesa Nacional ofereceu à A25A, através da Secretaria de Estado da Cultura, as instalações onde funcionou o parque de máquinas da Direcção Geral da Comunicação Social. No seguimento, iremos estabelecer um protocolo com a SEC, onde nos serão cedidas sem quaisquer encargos, a sobreloja e parte do primeiro andar do Palácio Ludovice, edifício situado em S. Pedro de Alcântara em cujo rés do chão está instalado o Solar do Vinho do Porto.

Importa realçar a elevação e a dignidade com que a A25A foi recebida pelo ministro Fernando Nogueira. Com efeito, manifestando sempre a opinião de que a Associação 25 de Abril tem todo o direito a que o Poder lhe crie condições dignas para a sua actividade compreendeu e aceitou sem qualquer problema as nossas posições.

Nomeadamente quanto à reafirmação da total condenação das atitudes do EME no processo do Forte do Bom Sucesso, atitudes que não consideramos "lavadas" com a resolução do problema da nossa sede.

E, fundamentalmente, quanto ao nosso posicionamento de total independência face a todos os poderes e à ausência de quaisquer cedências no nosso procedimento.

Por tudo isto, é com satisfação que aqui expressamos os nossos agradecimentos públicos ao Ministro Fernando Nogueira, ao general Loureiro dos Santos e ao Secretário de Estado Santana Lopes.

Temos ainda pela frente um grande desafio. Com efeito, as instalações em causa, não sendo nada de extraordinário, têm condições para, com algumas obras de adaptação (refira-se, a propósito, que a SEC irá suportar metade dos custos necessários para a adaptação), responderem às nossas necessidades mínimas. No entanto, porque nem todas as ideias que temos para a A25A poderão ser ali postas em prática, não desistimos de encontrar uma solução melhor, Que passará, se possível, pela construção de um prédio a isso destinado. É um sonho? Talvez, mas ...

VL

COSTA GOMES

A Associação 25 de Abril decidiu oferecer o bastão de marechal ao seu associado marechal Francisco Costa Gomes.

Tendo constatado que ao marechal Costa Gomes, ao contrário do que aconteceu com o outro marechal das Forças Armadas Portuguesas, não fora oferecido o correspondente bastão, procurámos informar-nos das razões de tal situação. Em contacto com o Presidente da República, verificámos que o mesmo fora informado de que Costa Gomes já o havia recebido, o que não correspondia à verdade. No entanto, o Presidente da República considerou não existirem condições para ser também ele a entregar o bastão a Costa Gomes. Atitude com a qual não estamos, de forma alguma, de acordo.

Por tudo isso, decidiu a Direcção da Associação 25 de Abril, no seguimento da decisão da Assembleia Geral relizada em Janeiro passado, oferecer o símbolo do marechalato a Costa Gomes, no próximo dia 25 de Abril. Acrescente-se que, tendo informado dessa decisão o Presidente da República, obtivemos do mesmo total compreensão e apoio para com a nossa atitude.

Não nos parece necessário relembrar as razões da justica desta atitude da A25A para com o Marechal Costa Gomes. As comemorações do 18.º aniversário do 25 de Abril ficam bem mais ricas com a pequena homenagem que iremos prestar a um militar de Abril que sempre se manteve fiel ao Programa do MFA e que, contrariamente a outros, tudo fez para evitar a guerra cívil. Felizmente com sucesso. Como, com igual sucesso, conduziu Portugal às primeiras eleições livres para a Assembleia Constituinte, Assembleia da República e Presidente da República, tendo transmitido o poder com dignidade e normalidade ao seu substituto, primeiro Presidente da República eleito democráticamente depois de 1926.

Numa cerimónia simples mas que pretendemos conferir o conveniente simbolismo, vamos proceder à entrega do bastão, durante o almoço-convívio do próximo dia 25 de Abril, no pavilhão Carlos Lopes em Lisboa.

Certos da adesão da generalidade dos associados e amigos da A25A, contamos com a vossa presença, que terá para além da manifestação da vontade de comemorar Abril, o significado de um quê de solidariedade para com o Marechal Francisco da Costa Gomes.

SOLIDARIEDADE

Escreva-nos, dando-nos conhecimento da sua adesão à oferta do bastão ao Marechal Costa Gomes

Basta uma pequena declaração:
APOIO A OFERTA DO BASTÃO AO MARECHAL FRANCISCO DA COSTA GOMES
(assinatura e nome bem legível)

CENTRO

NOVOS CORPOS DIRECTIVOS DA DELEGAÇÃO DE COIMBRA

Tomaram posse no passado dia 11 de Fevereiro, os nossos membros dos corpos directivos da Delegação de Coimbra da Associação 25 de Abril:

DIRECÇÃO
Presidente ÁLVARO SECO
Vice-Presidente NATÉRCIA COIMBRA
Secretário MONTEIRO VALENTE
Tesoureiro ANTÓNIO COELHO
Vogal JORGE LOUREIRO

ASSEMBLEIA GERAL
Presidente SÁ FURTADO
Vice-Presidente MANUEL DA COSTA
Secretário CACHULO E COSTA

CONSELHO FISCAL
Presidente LESTRE HENRIQUES
Secretário SILVA PEREIRA

A posse foi conferida pelo Presidente da Assembleia Geral da Associação, Carlos Fabião, na presença do Presidente da Direcção, Vasco Lourenço.

MENSAGEM DA DIRECÇÃO DA DELEGAÇÃO DE COIMBRA AOS ASSOCIADOS DA REGIÃO CENTRO

Um momento de posse tem de ser um momento de esperança. Acreditamos que a Associação 25 de Abril vai iniciar novos passos. Vai saber projectar os seus ideais, continuando a semear as ideias da liberdade e do desenvolvimento e contribuindo, desse modo, para que os portugueses sejam mais felizes na sua terra.

Para os jovens, aqui lhes deixamos um convite especial para que venham até nós conhecer o que foi o 25 de Abril e os seus nobres ideais.

Nunca uma obra estará concluída quando se tem espírito aberto.

O 25 de Abril sendo já história tem de ser também presente e futuro. Precisamos, por isso, da participação de todos os associados.

O primeiro momento alto será o próximo dia 25 de Abril.

Que todos adiram e participem activamente nas manifestações e que se recorde e exalte o 25 de ABRIL. Assim sendo, daremos início a uma nova fase da vida da nossa associação

ACTIVIDADES DA DELEGAÇÃO DE COIMBRA

Reuniram pela primeira vez, no passado dia 27 de Feveiro, os novos membros dos corpos directivos da Delegação de Coimbra, tendo sido discutidos os objectivos, orientações e planos para os anos de 1992-1993 e, mais concretamente o programa de acções com vista às comemorações do 18.º aniversário do 25 de Abril.

Numa segunda reunião, realizada no dia 5 de Março, foram aprovadas as seguintes orientações gerais:

LINHAS DE ACÇÃO PARA OS ANOS DE 1992-1993

I - A Associação 25 de Abril é uma associação sem fins lucrativos, de natureza altruísta, destinada à consagração e defesa de valores cívicos, tendo como fins genéricos:

1) A consagração e divulgação, no domínio cultural, do espírito do movimento libertador do vinte e cinco de Abril de mil novecentos e setenta e quatro;
2) A recolha, conservação e tratamento de material informativo e documental para a história do vinte e cinco de Abril e do processo histórico que o precedeu e se lhe seguiu;
3) A organização de cerimónias e outros actos evocativos e comemorativos do vinte e cinco de Abril;
4) Os que a Assembleia geral aprovar e que não contrariem a natureza da Associação.

II - Nos termos do nº2 do art. 2º dos Estatutos e do artº 1º do Regulamento Interno, foram criadas delegações regionais tendo como fins genéricos:

1) Procurar fomentar a participação dos associados da A25A das respectivas zonas de acção, em todas as actividades da Associação;
2) A representação da A25A na sua zona de acção, sempre que delegada pela Direcção da Associação;
3) A realização de actividades dentro da sua zona de acção que caibam no âmbito dos estatutos da A25A, quer por sua própria iniciativa quer por delegação da Direcção da A25A;
4) O aprufundamento da implantação da A25A na sua zona de acção, nomeadamente através da recolha de propostas de novos associados.

III - Constitui objectivo principal da Delegação do Centro nos anos de 1992-1993, projectar os ideais do 25 de Abril, designadamente junto da juventude, através das seguintes linhas de acção:

1) Procura de intervenção na vida pública, pelas vias da comunicação social, realização de debates, encontros e reuniões;
2) Incentivo ao estudo científico do 25 de Abril;
3) Organização de cerimónias e outros actos evocativos e comemorativos do 25 de Abril.

IV - A actuação da Delegação do Centro da A25A nos anos de 1992-1993, desenvolver-se-á:

1) No plano cívico
a) Explicitando a importância histórica do 25 de Abril e enaltecendo os valores cívicos dele decorrentes, em colaboração com outras colectividades, organizações sindicais, estabelecimentos de ensino, associações de estudantes, etc.;

b) Procurando que as comemorações do 25 de Abril se transformem em momentos de encontro de todos os que comungam dos ideais de Abril e de projecção dos seus valores.

2) No plano cultural

a) Incentivando o estudo científico do 25 de Abril cooperando, para os efeitos, com os estabelecimentos de ensino e outras entidades;

b) Fomentando o intercâmbio de ideias e o debate plural, sobre as questões principais que se colocam ao mundo e à sociedade portuguesa;

3) No plano organizativo

a) Reforçando a organização através de uma melhor articulação entre a Delegação, a Direcção Central e os núcleos locais;

b) Descentralizando as actividades através da implantação de núcleos locais;

c) Incrementando à participação dos associados em todas as actividades.

PROGRAMA D E ACÇÕES NO CURTO PRAZO

CONFERÊNCIA DE IMPRENSA

*Apresentação dos novos corpos directivos.

*Anúncio das linhas de acção para os anos de 1992-1993.

*Divulgação do plano para as comemorações do 18.º Aniversário do 25 de Abril.

*Problemática da sede da delegação em Coimbra.

PLANO PARA AS COMEMORAÇÕES DO 18.º ANIVERSÁRIO DO 25 DE ABRIL, PELA DELEGAÇÃO DO CENTRO DA A25A.

*Promoção pela A25A de um almoço-convívio no dia 25 de Abril, de âmbito regional, em Coimbra.

*Intervenção na rádio, com a participação de Vasco Lourenço e de membros dos corpos directivos da Delegação do Centro.

*Intervenção na comunicação social.

*Encontro com as direcções das Associações dos Estudantes do Ensino Secundário de Coimbra.

*Apoio à comissão promotora com integração nas comemorações do 25 de Abril em Coimbra.

*Integração nas comemorações municipais do distrito de Coimbra.

*Promover:

- A colaboração com as Câmaras Municipais do distrito de Coimbra, inquirindo dos programas comemorativos e propondo integrar as comemorações que pretendam realizar.

- Junto das escolas primárias de Coimbra, um melhor conhecimento e memória do 25 de Abril pelos alunos, solicitando, para o efeito, a colaboração dos professores.

- A dinamização local das comemorações do 25 de Abril pelos núcleos regionais.

COLÓQUIO SOBRE A DESCOLONIZAÇÃO DE ANGOLA

Realizou-se no passado dia 11 de Fevereiro, no auditório da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, a apresentação pelo Brigadeiro Pezarat Correia do seu livro "DESCOLONIZAÇÃO DE ANGOLA - A JÓIA DA COROA DO IMPÉRIO PORTUGUÊS".

A iniciativa foi promovida pelo Centro de Documentação do 25 de Abril da Universidade de Coimbra, com o apoio da Associação 25 de Abril.

Estiveram presentes, entre outras entidades, o marechal Costa Gomes, o Prof. Dr. Boaventura de Sousa Santos, em representação do Reitor da Universidade de Coimbra, o Brigadeiro Albuquerque Gonçalves, em representação do General Comandante da Região Militar do Centro e os Tenentes-Coronéis Vasco Lourenço e Carlos Fabião, respectivamente Presidente da Direcção e Presidente da Assembleia Geral da Associação 25 de Abril.

O debate foi moderado pelo Prof. Dr. Boaventura de Sousa Santos e contou com uma numerosa e interessada assistência, entre a qual um número muito significativo de estudantes da Faculdade de Economia.

A apresentação do livro do Brigadeiro Pezarat Correia foi pretexto para um animado debate em torno da questão da descolonização de Angola, realçando a importância e o interesse do desenvolvimento deste tipo de iniciativa, no sentido de um melhor conhecimento e memória do 25 de Abril e dos acontecimentos históricos com ele relacionados, em relação às quais se julga que Associação 25 de Abril deve assumir um maior protagonismo, em colaboração com outras entidades.

Passados dezoito anos sobre o 25 de Abril, é altura de, com a maior abertura, se incentivar o estudo científico do 25 de Abril, designadamente pela juventude, e enaltecer os valores cívicos dele decorrentes obstando deste modo a uma, talvez deliberada, desinformação sobre aquele acontecimento histórico ou, mesmo até, a uma intencional distorção da verdade sobre o 25 de Abril.

* * * * *

NORTE

1. MANIFESTO DIRIGIDO AOS SÓCIOS DA ÁREA DA DELEGAÇÃO NORTE

Caro consócio:

Tomamos a liberdade de lançar mão de transcrições do Relatório que a Direcção Nacional de A25A apresentou na A.G. do passado dia 11.01.92 e que igualmente foram referidos no Relatório da Direcção desta Delegação Norte, apresentado em A.G. em 25.01.92, por aí começaríamos este manifesto:

"...Por muito que queiramos afastar o pessimismo, por muito que queiramos apresentar optimismo, teremos que aceitar estar perante uma situação desanimadora, onde os sentimentos de frustração, de dúvida e de incertezas se sobrepõem e nos levam a questionar quanto à razão de ser da nossa Associação.

...Há condições para continuarmos? O nosso espaço de intervenção mantém-se? Justifica-se a nossa teimosia, ao mantermos uma associação de intervenção cultural e cívica, em prol da defesa e difusão dos valores da LIBERDADE, da SOLIDARIEDADE da JUSTIÇA SOCIAL, dos DIREITOS HUMANOS?..."

Este desabafo de pessimismo manifestado pela Direcção Nacional da nossa Associação e de certa forma reiterado pela Direcção cessante da Delegação do Norte, sendo perfeitamente compreensível, pensamos que terá no entanto que se desdramatizar e ser considerado à luz de uma mera conjuntura.

Mesmo com reduzida participação, a última Assembleia Regional, através de algumas intervenções dos sócios presentes e apoios que as mesmas localmente mereceram, deixou claro que é de facto importante a EXISTÊNCIA e CONTINUIDADE da nossa Associação.

É ESSA A RAZÃO DE SER DA NOSSA CANDIDATURA.

Não nos deve desmotivar o facto da Associação não desenvolver grandes actividades, não ter grandes iniciativas, ou ter reduzida participação associativa. Não sendo uma situação agradável, não é no entanto em nada diferente do que se passa noutras Associações ou Organismos congéneres.

As pessoas, no momento presente, e na sua generalidade, não estão grandemente disponíveis para qualquer tipo de associativismo que não lhes traga, de imediato, proveito(s) de natureza material ou não lhes resolva problemas de seu evidente interesse próprio. Querer dar a volta a esta situação não será exequível a curto prazo, mas também não deverá ser motivo de desânimo. ESTE SERÁ O ESPÍRITO QUE MANTEREMOS EM PERMANÊNCIA.

Assumindo a responsabilidade de se apresentarem como disponíveis, propuseram-se os integrantes desta lista, unindo os seus esforços e dentro das suas possibilidades, a evitar a "queda no vazio" desta Delegação, e a manter na Região Norte uma presença viva e digna da A25A.

Se conseguirmos que esta Delegação, em consonância com a Direcção Nacional e com as outras Delegações/Núcleos, possa ser um REFERENCIAL para todos os que se identificam com um certo número de ideais e comportamentos emanados do movimento dos Capitães e publicamente sufragados pela esmagadora maioria do povo português, pensamos que os nossos objectivos estarão atingidos e nada mais ambicionamos.

Para obtenção deste desiderato está nas nossas intenções:

1. Tentar obter na cidade do Porto uma sede, por pequena que seja, onde os sócios possam entre si conviver;

2. Promover reuniões informais e descentralizadas com os nossos consócios, onde quer que existam núcleos com algum significado;

3. Representar a A25A na área da Delegação, sempre que tal não colida com os nossos Estatutos e com representações do âmbito da Direcção Nacional, em todos os locais para onde fôr convidada, ou onde julgo dever estar presentes;

4. A divulgação oportuna a todos os sócios residentes na área da Delegação, das actividades por si desenvolvidas ou a desenvolver e que não sejam da exclusiva responsabilidade da Direcção Nacional.

Terminamos, fazendo um apelo:

COMPAREÇAM MACIÇAMENTE NA ASSEMBLEIA GERAL, PARA QUE POSSAMOS TER A CONFIRMAÇÃO DE QUE TAMBÉM VOCÊS PENSAM SERIAMENTE QUE VALE A PENA MANTER VIVA "A CHAMA" DA NOSSA ASSOCIAÇÃO

MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

PRESIDENTE - Coronel ROLANDO DE CARVALHO TOMAZ FERREIRA
VICE-PRESIDENTE - Arquitecto ANTÓNIO MARIA L.V. CORTE REAL
SECRETÁRIO - Dr. JOSÉ BARRO DA COSTA
VOGAL - 1º Sarg. Arm. JOSÉ DUARTE GONÇALVES CARDOSO

DIRECÇÃO

PRESIDENTE - Tenente Coronel ANTERO ANÍBAL RIBEIRO DA SILVA
VICE-PRESIDENTE - Dr. ANTÓNIO ARTUR RODRIGUES DA COSTA
SECRETÁRIO - Major BENJAMIM CARMO PEREIRA DA SILVA
TESOUREIRO - Sargento - Mór ANTÓNIO MÁRIO RIBEIRO PINTO
VOGAL - Dr. JOÃO BATISTA V. MIRANDA MAGALHÃES
VOGAL - Cmdt. Engº Arm. ABEL JOAQUIM DE ALMEIDA TAVARES
VOGAL - 1º Sarg. Arm. JOSÉ JOAQUIM RIBEIRO DE CASTRO

2. ASSEMBLEIA GERAL

Em 7 de Março de 1992 realizou-se no Porto a Assembleia Geral desta Delegação, na qual foram eleitos os corpos sociais que tinham apresentado o manifesto supra, para o biénio 1992/93.

3. CORPOS GERENTES

Os corpos gerentes eleitos na A.G. de 7 de MAR 92 tomaram posse em 21 de Março na Casa do Roseiral nos jardins do Palácio de Cristal, em cerimónia pública a que assistiu o presidente da Direcção da A25A, tenente-coronel Vasco Lourenço.

Dessa cerimónia se extraem, pela importância que lhes conferimos, algumas passagens do discurso do novo presidente da Direcção da Delegação:

Na Assembleia Geral Regional, foi patente, pelas intervenções que então tiveram lugar, que não só valia a pena a Associação continuar, como deveria mesmo fazê-lo e por razões que pensamos poder considerar de natureza histórica umas, de natureza ético/cultural outras.

(...) A História não nos perdoaria se deixássemos morrer este Referencial vivo dos ideários daqueles que acreditavam e acreditam que era possível fazer um Portugal diferente daquele que vivemos num passado ainda bem recente, anterior a 1974, e lutaram, lutam e lutarão por aquilo que sonharam.

O 25 de Abril de 1974 não se esgota nos "Capitães de Abril" obviamente, pois estes foram de certa forma o braço armado de uma ou mais gerações que ansiaram o derrube de um sistema, em que muitos correram riscos e pagaram até com a saúde ou a vida a sua ousadia, mas que não tiveram ao seu dispôr possibilidade materiais de o fazer.

Assim, pode e deve a A25A ser um espaço quase único de diálogo aberto de todos os amantes da Liberdade e da Democracia, sem quiasquer espécies de preconceitos de natureza política, cultural, religiosa ou outras.

(...) nem todos os objectivos do 25 de Abril foram atingidos. Ainda há muito por fazer.

Um exemplo disso é o relativo pouco aprofundamento da Democracia, pois se por um lado os cidadãos escolhem livremente a minoria que dirige os destinos deste País, não é menos verdade (...) que a participação da maioria na construção do nosso País e do nosso destino colectivo, se esgota nas eleições, alheando-se ou sendo alheada de tudo o mais que diz respeito à causa pública.

Outro aspecto preocupante da nossa Democracia é a auto-censura que os cidadãos vão mais ou menos generalizadamente praticando àcerca das opiniões, convicçõeś ou assumpção dos seus direitos.

(...) Não menos motivo de preocupação será a situação bastante generalizada de corrupção.

(...) mais grave ainda quanto a nós é a passividade com que os cidadãos portugueses a encaram, habituando-se a viverem paredes meias com ela (...), sendo a A25A uma voz legitimada e descomprometida em relação a qualquer força de pressão, poderá prestar um valioso contributo ao aprofundamento da Democracia e servir como um Referencial de opinião, corrector dos desvios perversos àquilo que eram as linhas pragmáticas do regime nascido em Abril de 1974, nas suas componentes cultural e cívica.

(...) Seria também importante e necessário que, as duas Delegações da Associação actualmente existentes, a Norte com sede no Porto e a Centro com sede em Coimbra; pudessem também vir a disfrutar a muito breve trecho, das suas instalações próprias. Eis um apelo que aqui deixamos(...) para a obtenção daquilo porque esta Delegação tanto se bate: A sua sede, na cidade do Porto.

(...)Uma Associação será sempre aquilo que os seus associados desejarem que ela seja. Por isso participem com as vossas sugestões, opiniões, intervenções e também com a v/ colaboração nas tarefas da vida associativa. Todos não somos de mais.

ALMOÇO-CONVÍVIO

DIA 25 DE ABRIL DE 1992, ÀS 12H30.
PAVILHÃO CARLOS LOPES

ESTE ANO, O ALMOÇO-CONVÍVIO DE SÓCIOS, APOIANTES E AMIGOS DA A25A, TEM LUGAR NO PRÓPRIO DIA DA LIBERDADE.

COMPARECE

E TRAZ OUTRO AMIGO TAMBÉM

VAMOS APRENDER BRIDGE! (15)

No seguimento da análise das 2.ª vozes a proferir pelo abridor, vamos hoje debruçar-mo-nos sobre a forma como devem ser tratadas as chamadas mãos unicolores.

Mãos unicolores serão as que apresentam uma composição que se caracteriza pela presença dum naipe nitidamente dominante.

São pois mãos declaradamente "desbanlançadas", em que o naipe dominante **não pode** ter menos que 6 cartas.

1 – 2.ª VOZ DO "ABRIDOR EM 1 EM NAIPE"
1.5 – COM UM JOGO UNICOLOR

Com um jogo deste tipo, após a abertura e a resposta do parceiro quer em naipe quer em ST, três hipóteses se nos apresentam para anunciarmos a mão que possuímos:

A- REPETIÇÃO DO NAIPE DE ABERTURA AO NÍVEL MAIS BAIXO (SEM SALTO)
B- REPETIÇÃO DO NAIPE DE ABERTURA COM SALTO
C- ANÚNCIO DE UM NOVO NAIPE

É óbvio que a escolha da hipótese a utilizar estará relacionada, **sobretudo,** com a FORÇA da mão, ainda que o teor do naipe comprido seja também um factor a ter em conta para a decisão a tomar.

1.5.1 REPETIÇÃO DO NAIPE DE ABERTURA SEM SALTO

Esta sequência de leilão define claramente uma mão unicolor, como uma FORÇA entre os **14 e os 16 DH.**

EXEMPLOS:

♠ AD10985	♠ D32
♥ D52	♥ AR
♦ R8	♦ RV10875
♣ D9	♣ 94

Com mãos deste tipo e com estas forças a única opção é, na 2ª voz, repetir o anúncio do naipe de abertura, quer o nosso parceiro tenha mudado de naipe ou anunciando uma voz de ST na sua resposta, salvo se, sobre a abertura, tiver anunciado 3ST.

Neste caso, com mão unicolor em ♦ é de passar (o parceiro tem uma mão regular com 13 a 15 PH sem 4 ♥ ou 4 ♠) enquanto que com o unicolor em ♠ é de marcar 4 ♠ , não só por termos a garantia de que o nosso parceiro possui, pelo menos, 2 cartas de espadas, como pelo facto de o contrato em naipe parecer muito mais "sólido" do que em ST.

1.5.2. – REPETIÇÃO DO NAIPE ABERTURA COM SALTO

Para utilizar este tipo de leilão é necessário que a mão tenha uma FORÇA de **17 a 19 DH** e que o naipe comprido seja suficientemente **consistente.**

Para que o naipe possa considerar-se consistente é necessário que detenha, nas seis cartas três figuras ou, pelo menos, o A e o R.

Se o naipe não apresentar estas características, mesmo que a mão tenha a força de 17 a 19 DH, é preferível vozear "por defeito" e anunciar uma repetição do naipe **sem salto.**

EXEMPLOS:

A	B
♠ ARV1073	♠ A9
♥ A5	♥ D107532
♦ D82	♦ AD6
♣ R10	♣ A8

Com a mão do exemplo A o leilão a efectuar poderá ser:

1 ♠ – 2 ♣
3 ♠ – ?

Com o pouco consistente naipe de ♥ do Exemplo B, o leilão a praticar deverá ser do tipo:

1 ♥ – 1ST (ou 1 ♠ ou 2 ♣)
2 ♥ – ?

1.5.3 – ANÚNCIO DE UM NOVO NAIPE

Recomendo a utilização deste "artifício" sempre que possua mãos unicolores, com uma força compreendida entre os **17 e os 23 DH**, mas quando a "consistência" ou "robustez" do naipe comprido não permita a sua repetição em salto ou a abertura de mão em 2 (**?**) naipe (caso das maõs com 20 a 23 DH).

Na posse de mãos deste tipo a solução é anunciar um novo naipe (óbviamente falso!), devendo optar por escolher, **preferivelmente**, um naipe de 3 cartas com uma figura.

A escolha do naipe a anunciar na 2ª voz e o facto de **utilizar ou não** um salto no leilão a praticar, dependerá da força da mão que se pretenda trasmitir ao parceiro.

Mãos com 20 a 23 DH poderão, se forem "bem feitas", merecer um anúncio do segundo naipe escolhido por forma a consubstanciar uma "inversa".

Se forem "mal feitas" poderão apenas justificar um anúncio (falso) dum bicolor pobre.

Serão o teor da mão em conjugação com a força da mesma que "aconselharão" o anunciante sobre o tipo de leilão a efectuar.

Na análise e decisão da voz a praticar concorrerão factores objectivos e subjectivos sendo que estes últimos estarão muito relacionados com a sensibilidade, agressividade e intuição do jogador, já que relativamente aos primeiros foram equacionados os parâmetros a ter em conta nestas situações.

Mas nestes, como em muitos outros, mais vale um exemplo do que mil palavras !

Por isso apresentamos alguns tipos de mãos e os respectivos leilões julgados mais convenientes :

EXEMPLOS:

♠ R107642
♥ R3
♦ AR
♣ R75

1 ♠ – 1 ST
2 ♣ – 1 ST

O teor das ♠ e a força da mão não justificam a vez de 3 ♣

♠ 3
♥ AV8742
♦ AR10
♠ AR5

1 ♥ – 1 ♠
3 ♣ ou 3 ♦ – ?

O teor das ♥ não justifica a abertura em 2 ♥ e a força da mão (23DH) impõe o anúncio da 2º naipe em salto.

♠ AR10
♥ A108542
♦ A9
♣ D10

1 ♥ – 1ST
2 ♠ – ?

Ao escolher a voz de 2 ♥ tipificou uma inversa. O teor das ♥ não justifica o seu anúncio e salto mas a força da mão "impõe" o anúncio da "invesa" (17 DH)

Um abraço amigo
Luís Galvão

TÉNIS

A A25A vai levar a efeito um torneio de tênis para associados e familiares, cujas modalidades e formas de inscrição vão ser oportunamente divulgadas.

É uma iniciativa da área do convívio desportivo que a direcção pretende dinamizar com eventual alargamento a outras modalidades.

(Continuação da pág. 1)

acto de justiça para com a A25A.

Acto de justiça é também o nosso, reconhecendo publicamente aquele gesto, tanto mais que, dignamente o ministro Fernando Nogueira aceitou, sem ambiguidades, a independência que temos mantido e continuaremos a manter face a todos os poderes. Independência que, subentendendo uma atitude crítica, comporta também o louvor, quando os comportamentos devam suscitá-lo.

Este acto de justiça é também extensivo ao CEME, general Loureiro dos Santos que, honrando os compromissos que assumiu com a Direcção da Associação, se interessou pelo problema e foi dele intérprete junto do governo, com a eficácia que os resultados evidenciam.

Ainda que tardiamente, a hierarquia militar viu-se assim reabilitada pela acção do general Loureiro dos Santos. Sem poder corrigir as arbitrariedades dos seus antecessores que, começando por retirar as instalações do Forte do Bom-Sucesso, depois as desviaram do fim militar que servira de argumento à ordem de despejo, transferindo-as para outra associação similar da A25A, foi capaz de contribuir para que se encontrasse forma de compenssar a Associação pelos danos morais e materiais sofridos.

Por último, é ainda de justiça registar o papel dos orgãos dirigentes da A25A que, apesar da adversidade, nunca desistiram e, com teimosia, seguros do direito que nos assistia, com tenacidade contra a perseguição que nos moviam, acabaram por ver compensados os seus esforços, vencendo mesmo um certo conformismo fatalista que perigosamente se vinha instalando entre nós.

* * * *

É imperativo que os novos tempos se estendam também ao Referencial.

A solicitação da Direcção aceitamos responsabilizar-nos por esta publicação, que deve ser o elo essencial de ligação entre todos os associados, e a voz da Associação na sociedade portuguesa.

Mas que, pensamos, terá de ser muito mais que isso.

Para já admite-se que tudo o que com ele se relaciona possa ser repensado: objectivos, conteúdo, formato, a sua própria natureza. Não planeamos cortes radicais, prevendo sim um processo evolutivo, que venha a concretizar-se num produto diferente. Estamos cientes de que é inevitável mudar, mas só o confronto com a realidade nos apontará com mais clareza o caminho. Abordá-lo-emos com prudência, sem ambições fantasistas, conscientes do nosso amadorismo, da falta de um corpo redactorial, da carência de estruturas próprias.

Comecemos por tentar que nos leiam.

A colaboração poderá vir por arrastamento.

A qualidade surgirá então como resultado.

PEDRO PEZARAT CORREIA